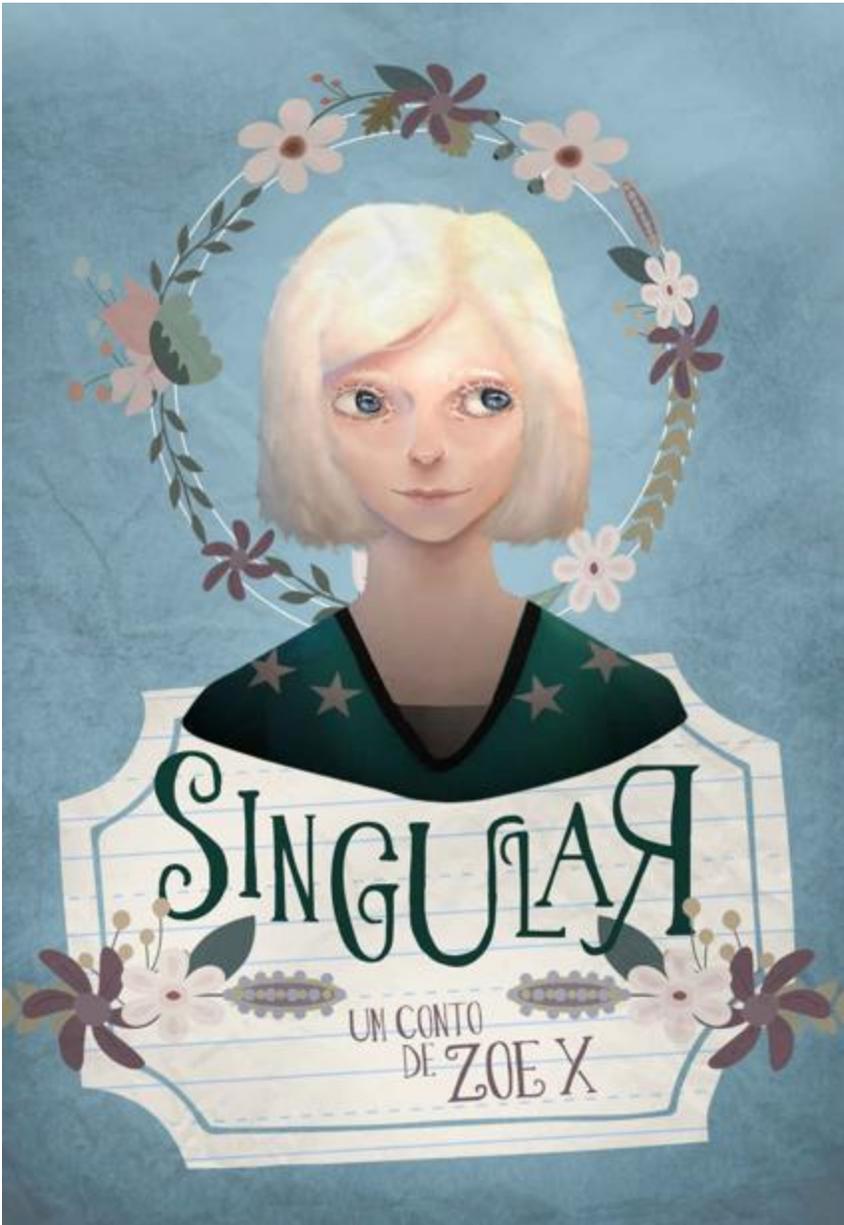




SINGULAR

UN CONTO
DE ZOE X



Singular

Zoe X

Copyright © 2017 Zoe X

Todos os direitos reservados.

Título: Singular

Autora: Zoe X

Revisão: Clara Taveira e Raphael Pellegrini

Sumário

[Agradecimentos](#)

[Singular](#)

Agradecimentos

Ao caríssimo Professor Doutor José Luís Landeira e para Anna, que sabe que está em todas as letras do conto.

Singular

- Você acha que, quando tudo se acabar, as luzes vão se apagar e tudo vai ficar em silêncio? - A garota loira estava deitada de barriga para cima no chão do hospital St. August, se preparando para mais uma das sessões de quimioterapia. As pernas estavam apoiadas na cadeira onde ela devia estar sentada, e ela me encarava com seus grandes olhos azuis.

- Eu realmente não sei, Ayleen, talvez exista um Deus... -

me perdi no meio do pensamento. Minha melhor amiga estava de novo questionando como seria a morte. Da última vez em que ela enfiou coisas do tipo na cabeça, tentou encontrar Deus sozinha, pulou na piscina sem saber nadar e então se afogou. Quando conseguimos trazer a pequena garota magricela de volta, tudo o que ela dizia era que não queria ir embora, não naquela hora.

O câncer havia sido descoberto oito meses atrás, e Ayleen era considerada um milagre. O tumor havia se escondido

por um bom tempo em seus pulmões e só quando ela começou a tossir sangue é que descobriram que o maldito estava ali e já havia se espalhado para outros cantos.

Eu assisti, parado em cima da minha bicicleta em frente ao portão de sua casa, de longe, por longos meses enquanto ela ia e voltava do hospital, então um dia resolvi tocar a campainha e dizer para a senhora Pumpkin que eu queria vê-la.

A mulher parecia um zumbi ao abrir a porta, os olhos, iguais aos da filha, estavam marcados por olheiras profundas. Ela me colocou para dentro de casa, me fazendo segui-la até a cozinha.

- Ayleen vai ficar tão feliz de saber que você está aqui! Ela pergunta de você constantemente - A mulher parecia estar sem a alma no corpo, as roupas cinzentas, os cabelos desgrehados e malcuidados não ornavam com o restante da cozinha amarela, viva e quente - Aqui, tome uma xícara de chá enquanto eu vejo se ela está acordada.

Depois de me estender a xícara com chá de camomila extremamente quente, a senhora Pumpkin virou as costas e foi em direção às escadas. O primeiro gole do chá queimou minha língua, e eu xinguei baixo e tentei me recompor antes que a mulher voltasse e eu finalmente pudesse ver Ayleen.

Fui até o lavabo e me olhei no espelho. Meu cabelo estava raspado nas laterais, mas a franja encaracolada estava lá, meio caída sobre os óculos ovais e dura por estar usando um gel ruim.

Meu suéter verde-musgo estava ficando curto, as mangas já não cobriam meus punhos e a gola xadrez da camisa que usava por baixo ficava à mostra no pescoço. Não era tão

ruim, eu não havia mudado muita coisa nesse tempo. Talvez Ayleen gostasse de saber que algumas coisas como minha aparência e nossa amizade não haviam mudado.

Depois de conferir meu hálito e ver o estado da língua queimada, saí do banheiro e encontrei a mulher cinzenta me esperando do lado de fora.

- Por favor, não tenha uma reação negativa. Esse começo de tratamento está deixando nossa pequena um pouco debilitada - A mulher sussurrou enquanto me levava escada acima.

Eu conhecia a casa, conhecia muito bem o caminho para o quarto de Ayleen, mas alguma coisa segurou meus pés em frente à porta. Talvez a mesma coisa que me segurou por quatro meses, me impedindo de tocar a campainha daquela casa. Eu me sentia envergonhado, extremamente envergonhado e, principalmente, me sentia com medo.

Como será que Ayleen estaria? E se ela estivesse sem os cabelos? Ou se estivesse como naqueles filmes em que vemos as pessoas semimortas na cama? O que eu veria quando decidisse finalmente abrir a porta do quarto?

Respirei fundo. Uma das teorias dela era que em vinte segundos de impulsividade, a qual ela chamava de coragem, você poderia fazer qualquer coisa. Então comecei a contar e entrei no quarto.

- Você demorou - a voz rouca e baixa saiu da boca ressecada de Ayleen. Me senti congelar ao perceber o tom de

reprovação em sua voz - Tudo bem, eu provavelmente também não saberia o que fazer. O que importa é que agora você está aqui. O

que importa é o agora.

Essa era Ayleen, ainda tinha sua sinceridade espontânea e uma perspectiva diferente de ver as coisas.

- Como você está? - Foi tudo o que consegui falar enquanto me adiantava para ajudar a garota a se sentar na cama.

- Melhor do que pareço, juro. Minha mãe está sendo superprotetora, não seja como ela, por favor. Eu ainda posso me virar - Ela tossiu contra a palma da mão.

- Sabe, você realmente não parece bem - Grande idiota eu era, como eu podia dizer aquilo para alguém naquela condição?

Tudo o que ela fez foi rir.

- É apenas câncer, e esse não é meu signo. Por acaso eu já comentei com você que é um signo que eu não gosto? Cancerianos tem a maldita tendência de serem completamente carentes e manipuladores, não é algo muito bom - Ayleen língua solta ainda existia. Ela bebeu um gole de água e me encarou - Você já sabe o que meus pais fizeram? Minha mãe saiu do emprego e papai hipotecou a casa para poder pagar meu tratamento, nosso seguro não quis cobrir. Lá no fundo, eu sei que eles acham que é perda de tempo...

- Pare de falar esse tipo de absurdo. Você está em tratamento, vai se recuperar e vai voltar a ir para a escola, ter uma vida normal. - Normal não era bem a palavra que eu gostaria de usar, mas eu consegui arrancar um sorriso do rosto da garota, e dessa vez era sincero.

- Sinto falta de andar de bicicleta, sentir o vento batendo no rosto... - ela fechou os olhos como se pudesse sentir aquilo

- subir nas árvores do pomar atrás da sua casa e manchar toda a roupa com as amoras, comer até sentir o estômago doer, tomar banho de chuva... Ah, disso eu sinto muita falta! Esse outono parece que não termina é realmente uma tortura assistir a chuva cair, o vento dançar com as folhas laranjas lá fora, e eu não poder estar lá... - Ela olhou com pesar pela janela do quarto. Acompanhei seu olhar e só assim percebi que estava escurecendo.

- Acho que preciso ir, meus pais não sabem que estou aqui.

- Me levantei sem jeito, parte querendo sair logo dali, parte envergonhado por não poder ficar e compensar o tempo perdido com minha melhor amiga. Era triste ver Ayleen, que sempre foi um espírito livre, agora tão presa.

Ela se inclinou na cama e me estendeu a mão. Demorei a entender o que ela queria.

- Não é contagioso, você sabe, não é? - Ela sorria.

- Sei! - Me movi mais rápido do que devia e caí de joelhos ao lado de sua cama. Ayleen gargalhou.

- Teddy e seus dois pés esquerdos - ela colocou as mãos em minhas bochechas, tão de perto, que eu pude ver suas sobrancelhas e cílios claríssimos, assim como algumas mechas do cabelo curto. Eu não havia mudado muito, ela também não, apesar de seu rosto em formato de coração estar muito mais magro - Por favor, volte. Não me esqueça.

- Eu voltarei - foi o que eu prometi assim que ela selou os lábios machucados na minha testa.

E foi o que eu fiz, no começo duas vezes na semana, depois quatro, até que todos os dias depois da aula eu visitava

Ayleen e assistia os dias bons e ruins, até ela me propor um teste.

Naquela tarde, um dia antes de sua sessão de quimioterapia, eu estava sentado ao seu lado na cama, relendo pela quinta vez o mesmo trecho de Alice no País das Maravilhas porque ela me interrompia a cada dois segundos com alguma teoria do que poderia ser o tal País das Maravilhas e os personagens de Lewis Carroll.

- “Aonde fica a saída?”, perguntou Alice ao gato que ria.

“Depende”, respondeu o gato. “De quê?”, replicou Alice; “Depende de para onde você quer ir...”

- Teddy? - Ela me interrompeu pela sexta vez.

- O gato não é a representação do bem e do mal, Aly, pela milésima vez - bufei.

- Não é isso, eu já entendi que você não vai concordar comigo. - Ela revirou os olhos e levantou da cama, começou a andar de um lado para o outro no quarto enquanto eu a observava -

Pare de me olhar assim, você sabe que eu não vou cair -
Ayleen

estava de costas, olhando pela janela - Será que você pode ir comigo amanhã na sessão? Eu realmente não quero minha mãe lá depois da última consulta com o médico... E eu preciso de ajuda com uma coisa. Você precisa me prometer que vai manter segredo quando eu te contar. - Ela virou a cabeça com os olhos frios e sérios sobre mim - Precisa prometer que vai me ajudar.

- Você quer que eu raspe a cabeça caso o seu cabelo comece a cair? - Eu lembrei que ela havia dito isso em uma tarde dos dias ruins, quando ficou com medo que a crioterapia não fizesse mais efeito.

- Não - ela revirou os olhos e se arrastou de volta para a cama, sentando ao meu lado - Preciso que você passe no teste de amanhã primeiro, então você vai me entender e vai poder me ajudar. - Ela me encarou, sua voz e postura eram determinadas, não havia como negar seu pedido.

E então lá estava eu. Sentado de frente para uma Ayleen deitada no chão, me perguntando sobre o que havia depois da morte.

- Fico me perguntando se a morte aparece. Será ela mulher ou homem? Será bonita ou é apenas aquele esqueleto sem graça?

Eu ficaria frustrada de ter todo esse poder e ser apenas um saco de ossos - ela agora encarava o teto, perdida em sua própria teoria.

- Aqui sempre tem esse cheiro? - Tentei mudar de assunto, aquilo me apavorava mais do que assistir as pessoas que estavam em volta. Alguém vomitou perto de nós, e eu olhei, espantado.

- Sim, sempre. É culpa da solução desinfetante que passam no chão por causa dos fluidos - talvez eu não tenha disfarçado minha cara de espanto tão bem - Não se preocupe, eu costumo vomitar bem pouco. Você terá que segurar o balde para mim. Se precisar, pode vomitar junto - ela sorriu, claramente me desafiando e eu sorri de volta.

- Levanta logo desse chão, quanto mais rápido começar, mais rápido vai terminar. Certo? - Tentei dar um incentivo

sincero, que funcionou junto com um rolar de olhos por parte da garota loira.

Aly se jogou na cadeira e chamou a enfermeira.

- Estou pronta - ela avisou.

Pela primeira vez em todo aquele tempo, enquanto a enfermeira ajeitava o acesso no pescoço de Ayleen, eu vi minha melhor amiga perder um pedacinho da alma pelos olhos.

- Você aguentou bem, amigo. Vamos para casa, você é digno de saber. - Foi tudo o que ela disse quando estávamos no banco traseiro do táxi, antes de encostar a cabeça no meu ombro e dormir.

A sessão de quimioterapia acabou com Ayleen. Tudo o que ela fez foi dormir e vomitar algumas vezes naquela tarde. O

procedimento também afetava a memória da minha querida Aly, assim como o corpo parecia mais frágil, as unhas estavam escuras contra a pele branca, pálida.

Ayleen deveria estar melhorando, não é mesmo?

Passei a tarde toda sentado na poltrona em frente à cama dela, assistindo seu sono enquanto sua respiração era interrompida pela tosse seca e algum sonho vazio.

Naquela noite, não dormi, apesar de não ser religioso, imitei os filmes e me coloquei de joelhos em frente à minha cama.

- Deus, se você realmente existe, deixe que Ayleen viva, faça ela melhorar, faça ela sobreviver. Amém. - Algo parecia errado, mas esperava que minha oração fizesse eco no universo e Deus pudesse ouvir.

Eu sabia que seria um dia ruim quando toquei a campainha da casa de Ayleen no dia seguinte, mas eu prometi que iria, prometi a mim mesmo que não deixaria Aly sozinha nesse processo e que estaria ali para o que ela precisasse.

Quando entrei no quarto, Ayleen estava sentada no carpete, péssima, enrolada em um cobertor azul claro cheio de unicórnios e com um caderno na mão.

- Como estamos hoje? - Perguntei, tirando os sapatos e indo em direção a ela, beijei o topo de sua cabeça e senti o cheiro bom do xampu de pêssego que ela usava.

- Um pouco menos enjoada, mas quero saber se você está pronto para guardar meu maior segredo e me ajudar com isso - Aly parecia séria, falava baixo como se soubesse que a mãe poderia ouvir.

- O que é tão sério assim, Ayleen? - Confesso que fiquei sem jeito, me deitei no chão ao seu lado e me apoiei no cotovelo enquanto ainda tinha os olhos presos nos dela.

- Eu quero viver, e você vai me ajudar. - Um pedido simples.

- Mas, Aly, você está fazendo o tratamento para poder viver...

- Fiquei confuso.

- Não, Teddy, eu vou morrer de qualquer jeito. O câncer não tem mais cura, tudo o que eles querem é prolongar minha vida o máximo que puderem... - meu coração disparou enquanto eu observava uma Aly cansada olhar pela janela - Eu não quero sobreviver, Teddy, eu só quero viver direito até morrer - Aly voltou a olhar para mim com seus olhos cor de tempestade, e eu percebi que se ela não vivesse, iria perder a alma antes de perder a vida.

- Q-qual é seu plano? - Gaguejei de nervoso, podia sentir minhas mãos suando enquanto eu pensava no pedido básico de Aly.

Ela queria morrer bem.

- Eu tenho uma lista, pequena e boba, de coisas que quero fazer. Quero cumprir todos os itens antes de morrer, e o tratamento não me permite, então eu vou parar com ele. Acho que eu sempre soube que não viveria até ser uma velha legal como a sua vizinha.

Na última vez que eu a visitei, ela estava com uma camisa rosa estampada com caras de gatos, tomando chá no jardim junto daquele persa gordo. - Ela sorriu. - Infelizmente está na minha lista fazer uma festa havaiana nos meus 53 anos, talvez esse item eu precise riscar. Enfim, não me ache boba quando ler a lista, você prometeu que iria me ajudar, prometeu que guardaria segredo -

Ayleen me passou o caderno, e eu então pude ler sua tão preciosa lista de trinta e sete itens:

01 - Escanear o rosto e colocar em um lugar público.

02 - Ir a um show e subir no palco.

03 - Tirar foto com alguém famoso.

04 - Subir no terraço de algum edifício bem alto do centro.

05 - Sair fantasiada de abóbora no *halloween*.

06 - Ter meu nome em tamanho gigante em algum lugar na cidade.

07 - Acampar.

- 08 - Ter um animal de estimação com nome engraçado.
- 09 - Tomar banho de chuva.
- 10 - Dançar dentro de uma loja cheia.
- 11 - Realizar a vontade de algum idoso que gostaria de ter feito algo com a sua idade, e não fez.
- 12 - Ensinar uma criança a falar um palavrão.
- 13 - Fazer um balanço na árvore.
- 14 - Ser beijada.
- 15 - Deitar na grama enquanto estiver chovendo.
- 16 - Cantar em praça pública e receber algum dinheiro 17 - Fumar maconha.
- 18 - Fazer uma tatuagem.
- 19 - Voar.
- 20 - Entrar de bicão/penetra em algum lugar que não deveria.
- 21 - Ter uma festa de desaniversário.
- 22 - Fazer minha festa de 53 anos com tema de Havaí.
- 23 - Plantar uma árvore.
- 24 - Andar de barco.
- 25 - Assistir um pôr do sol do ponto mais alto da cidade.
- 26 - Assistir o nascer do sol na praia.

- 27 - Fazer xixi no mato.
- 28 - Nadar numa piscina de bolinhas.
- 29 - Tirar uma foto épica.
- 30 - Assistir uma chuva de meteoros.
- 31 - Enxergar todos os planetas.
- 32 - Aprender a fazer bolo.
- 33 - Jogar *Dungeons and Dragons* com Teddy.
- 34 - Fazer um castelo de cartas.
- 35 - Doar todos os meus brinquedos.
- 36 - Ir a uma roda gigante.
- 37 - Ser presa.

Trinta e sete itens de uma lista que eu não tinha ideia de como seria cumprida. Olhei nos olhos curiosos de Ayleen, ela

esperava uma resposta imediata. O que eu faria?

- Aly... Você está falando sério sobre parar o tratamento?

- Sim. - Ela respondeu e mexeu balão de oxigênio que a acompanhava nos dias ruins - Eu já conversei com meus pais sobre isso. Minha última consulta médica foi muito... verdadeira - Ayleen balançou a cabeça como se concordasse que aquela era a melhor palavra. - Não estou melhorando e não tem nenhum indício que eu vá melhorar. Minha mãe não tem falado comigo desde que saímos da

consulta, meu pai me olha como se tivesse alguma culpa por eu estar assim. Eles nunca entendem...

Ter uma filha como Ayleen devia ser difícil, a garota tinha uma imaginação grande e suas peculiaridades começavam nas roupas. Meias estampadas até o meio das canelas, às vezes até os joelhos, sempre com sapatos Oxford e vestidos que pareciam feitos para bonecas junto de blusas de lã que combinavam com as cores das meias. Os cabelos sempre tiveram o mesmo corte curto, na altura acima do pescoço, de um loiro absurdamente claro, assim como as sobrancelhas, que eram quase invisíveis.

Ayleen tocava piano, violão e gostava de cantar. Tinha uma mancha de nascença na coxa direita em formato de coração e ficava obcecada por assuntos aleatórios pelo menos três vezes na semana. Uma vez, me perguntou se eu sabia como os gatos enxergavam e ficou uma semana inteira tentando pegar o gato gordo da minha vizinha para “testar suas teorias”. Ela não conseguiu e logo se distraiu com a quantidade de galáxias no universo. Ayleen amava o céu, os bichos, a vida. E seria tirada dela com um sopro, num passe de mágica.

Foi por esse motivo que eu aceitei ajudar. No que dependesse de mim, Ayleen ia viver.

No dia seguinte, eu apareci cedo, com meu Dungeon and Dragons debaixo do braço, abri a porta do quarto de Ayleen e a encontrei concentrada mexendo em seu computador.

- O que é tão importante para causar rugas na sua testa? -

Perguntei quando cheguei mais perto.

- Estou procurando como fazer bolos de maçã. São meus favoritos, então eu quero a melhor receita. - Ela desviou o

olhar por

apenas um segundo para mim e sorriu. - Que bom que trouxe seu jogo. Finalmente eu vou entender como você consegue perder tantas horas do seu dia com isso.

Revirei os olhos e me joguei na poltrona. Enquanto esperava Ayleen decidir o que iria cozinhar, me pus a olhar seu quarto. As paredes de madeira eram pintadas de um branco amarelado esmaltado, a cama também, assim como os criados-mudos. A colcha da cama era azul clara, um tom mais claro que a poltrona onde eu estava sentado, e Ayleen tinha estrelas douradas pintadas no teto. O quarto era limpo e claro graças às quatro janelas que existiam nele.

- Pronto, terminei de anotar o que vamos precisar, vamos logo jogar isso daí?

Nos sentamos no chão, eu com meu jogo, Ayleen com seu balão de oxigênio e passamos quase a tarde toda perdidos, ela sendo uma elfa e eu sendo um humano. Eu a observava enquanto ela ria e interpretava, de modo que comecei a reparar: Ayleen talvez não pertencesse mesmo a esse mundo.

- Confesso que foi divertido, eu realmente não esperava, podemos fazer mais vezes! - Ela parecia animada conforme descia as escadas em direção à cozinha - Temos tudo para fazer meu bolo de maçã! Farei minha festa de desaniversário! Falei com papai ontem à noite, e ele comprou o que precisávamos antes de sair para trabalhar. Minha mãe provavelmente ainda está no quarto. - Ela olhou como se a procurasse pela casa. - De qualquer forma, eu espero não pôr fogo na cozinha.

- É uma boa ideia não colocar fogo na casa. - Concordei. -

No que eu vou ajudar? – Perguntei enquanto lavava as mãos.

– Hm... Corte as maçãs, eu vou fazer o resto! – Ela realmente estava animada, e quando Ayleen entrava nesse modo, a ansiedade tomava conta e tudo era feito rápido, às vezes até demais.

O bolo estava no forno havia meia hora, Ayleen tinha farinha no nariz e um sorriso radiante no rosto.

– Agora o chá? – Perguntei, afinal de contas, como um bom amigo, eu sabia o que era uma festa de desaniversário.

– Sim! – Ela bateu palmas na excitação do momento e encheu a chaleira de água.

Eu coloquei a toalha, xícaras e talheres em seus devidos lugares. Abri a geladeira com certa vergonha e peguei tudo o que Ayleen indicava que seria necessário.

– Não! Não pode faltar geleia de morango, pegue aquele outro pote. Mel! Não esqueça do mel. Isso, perfeito! – Ela dizia por cima do ombro, me observando enquanto vestia seu avental especial, cheio de babados, por cima do vestido verde limão e cardigã rosa. Me fazia feliz deixar Aly feliz.

Depois de esperar ansiosamente pelo bolo, ele ficou pronto.

Ayleen me pediu para tirá-lo do forno. Eu sabia que ela não aguentava tão bem com o calor do fogão, a pele estava mais sensível.

Assim que colocamos as velas sobre o bolo, cantamos feliz desaniversário e ela fez questão de ser fotografada antes de apagar as velas. Foi aí que eu tive a brilhante ideia de como ajudar Ayleen chegar aos 53 anos e ter sua festa havaiana.

Comemos muito, e, apesar do pouco apetite que ela tanto reclamava, Aly colocou boa parte do bolo para dentro e arrotou feliz depois disso, fazendo com que meu chá saísse pelo nariz enquanto eu ria. Nosso primeiro dia havia sido concluído com sucesso, dois itens já foram riscados da lista, e eu ajudaria com todos os restantes só para poder ver o sorriso de Ayleen, como o que ela deu quando se despediu de mim naquele dia.

No dia seguinte, eu quebrei meu cofre e reuni todo o dinheiro que tinha, saí da escola e corri para a primeira loja de artigos de festa que encontrei no caminho. Comprei velas, chapéus e um cupcake decorado com estrelas coloridas. Nada caro, eu ainda teria dinheiro para ajudar a realizar outros itens da lista. Quando entrei no quarto de Ayleen usando um dos chapéus e com o cupcake com as velas em cima nas mãos, ela logo entendeu minha ideia e pulou da cama, vindo me abraçar.

- Teddy! Você é um gênio! - Ela ria, animada enquanto arrumava seu próprio chapéu - Como eu não pensei nisso antes?

Vou fazer aniversário todos os dias! Daqui a 40 dias, terei uma festa

havaiana! Eu nem consigo acreditar! - Ela pulava pelo quarto, e era maravilhoso assistir Ayleen. Pela milésima vez, eu me senti o observador mais feliz do mundo.

Ayleen pegou sua Polaroid e fez questão de tirar uma foto nossa antes de apagar as velas e comer o cupcake. Quando a foto finalmente ficou pronta, ela escreveu com sua letra infantil

“aniversário surpresa de 14 anos” e a colou na porta do quarto, ao lado da outra, onde ela sorria em frente ao bolo

de maçã com a legenda “Aprender a fazer um bolo e fazer desaniversário”.

- Eu estive pensando... Não quero ser esquecida, não quero.

- Ela fez que não com a cabeça, fazendo os cabelos voarem com o movimento.

- Nunca será, Aly! Nunca! - Mais uma promessa que eu pretendia cumprir.

- A partir de agora, quero fotografar tudo, no final você terá muito material para se lembrar de mim e vai poder mostrar aos seus filhos! - Ela disse, mantendo a mesma animação de sempre, mas eu não consegui sorrir de modo verdadeiro.

Minha ficha começava a cair, chegaria um dia que eu não veria mais Ayleen.

Depois de duas semanas, já tínhamos riscado da lista de Ayleen bons itens. Seus pais pareciam ter entendido o desejo da filha e estavam lidando com aquilo do melhor jeito que conseguiam.

No primeiro final de semana, eles a levaram até a praia. Eu não pude ir, mas Aly fez questão de me mostrar as fotos que havia tirado.

- Como senti sua falta, Teddy! Foi realmente uma pena você não poder ir. Você precisava ver como o céu estava quando o sol nasceu - ela falava com as mãos, com um jeito único de mexer os dedos, como se pudesse pintar o que tinha visto no ar - O céu todo preparado para o sol! Alguns tons de um rosinha bem claro espalhados perto das nuvens brancas, também havia manchas azuis naquele imenso cobertor laranja. Acho que nunca vou ver algo tão espetacular! - Ela encostou a cabeça no meu ombro

enquanto mostrava a foto. – Foi maravilhoso. Depois disso, fizemos um piquenique na praia, e meu pai me levou para andar de barco! O

problema é que papai não é o melhor remador, no final das contas, mamãe precisou ajudar, ou o bote não voltaria de jeito nenhum até o deque – ela sorriu, passando para foto seguinte e contando os fatos do modo mais fiel que lembrava.

No final de semana seguinte, eu decidi fazer minha parte.

– Não vale olhar! – Preveni quando percebi que ela daria um jeito de roubar e enxergar sob a venda.

– Eu vou cair! – Ela sorria, mentia descaradamente, segurando minha mão e tentando apalpar o ar a sua frente com a mão livre.

– Sabe que não vai. Estamos quase chegando, por favor, não arruíne isso – Eu estava tentando fazer o meu melhor e consegui fazer uma Ayleen ansiosa e curiosa entrar onde eu queria e se sentar onde devia.

– Já posso tirar a venda? – Ela perguntou.

– Espere mais um segundo – Eu me sentei ao seu lado e esperei o espetáculo começar para que tudo se encaixasse. Eu soube que era a hora quando as luzes à nossa volta se apagaram –

Pronto, agora pode.

– Uau – foi tudo o que ela disse, sua expressão entregava que ela estava encantada.

O planetário estava vazio, as luzes haviam se apagado e agora todas as estrelas apareciam acima de nós, sendo as únicas luzes na escuridão tremenda que estava ali. Quando Ayleen se recuperou da surpresa, apoiou a cabeça na poltrona, fascinada com o que via, e começou a falar baixinho.

- É assim que eu gostaria que o mundo fosse por algumas horas, já pensou que incrível seria se tudo aqui fizesse silêncio? As cigarras, os grilos, as pessoas. Todo o mundo em silêncio para ouvir o universo.

Para variar, eu não sabia como responder quando ela era tão direta em seus pensamentos. Ayleen não tinha filtro, era o que ela costumava ouvir dos pais e encarava aquilo como um elogio.

- Nas noites em que eu não consigo dormir, fico imaginando que as estrelas cantam, conversam e riem de nós. Eu gostaria de ser uma estrela. Minha maior missão seria brilhar, e as pessoas

olhariam para o céu toda noite, me procurando. Eu nunca seria esquecida, alguém sempre estaria olhando para cima.

Eu não olhava para nada além da garota dos olhos de tempestade nesse minuto, algo dentro de mim apertava minha garganta. Eu amava Ayleen e sentia que todo minuto era uma despedida dela e de sua singularidade. Foi isso que tentei registrar naquela hora com sua bendita Polaroid enquanto a chuva de meteoros começava.

Com os pais ajudando na estranha lista, as coisas ficavam mais fáceis. Eles nos levaram para rua no Halloween, com Ayleen vestida de abóbora como ela tanto queria, pedindo por doces ou travessuras.

O dia havia rendido mais fotos para a coleção atrás da porta.

Em uma delas, Ayleen estava entre seus pais, os três de mãos dadas, caminhando pela calçada ao entardecer. A família Pumpkin nunca poderia ser melhor representada do que naquele momento felizmente registrado. A mãe havia voltado a usar roupas com cores vibrantes e os cabelos cacheados e loiros estavam soltos e armados, como eu costumava vê-la antes de tudo. O senhor Pumpkin não estava tão animado, mas estava lá, com seu suéter amarelo sobre a camisa social, calvo, com os cabelos restantes da mesma cor dos de Ayleen. Entre eles, a garota loira sorria com sua fantasia tão única quanto ela.

Algo nós não podíamos negar, e eu só percebi quando vi Ayleen cantando na praça naquela mesma noite com seu pai tocando violão. A alma de Ayleen merecia cada segundo de felicidade que esse mundo podia oferecer, e eu era extremamente sortudo por assistir de tão perto.

Eu gostaria de voltar no tempo e reviver cada um desses minutos.

Ayleen estava comemorando seus 28 anos com um bolo que sua mãe havia feito. Ela tinha me esperado chegar para poder apagar as velas.

- Estou cansada hoje, mas sinto que não posso deixar meus vinte e oito passarem em branco. - Ela reclamou, estirada na cama.

- Será que você pode me dar o remédio para as dores? Eu vou ficar bem. - Ela falou quando viu o espanto no meu rosto. - Você precisa aprender a parar de ter medo.

- Não é tão fácil, você está mais frágil... - Tentei argumentar, explicar porque tinha medo.

- Mas não vou morrer, não agora. Temos ainda muita coisa para fazer, inclusive teremos um final de semana cheio, você já avisou seus pais? - Ela forçou um sorriso, animada. - Confesso que estou ansiosa! - Exclamou e se ajeitou nos cobertores antes de tomar o remédio que eu oferecia.

- Avisei. Tente descansar um pouco agora. - Eu estava ao seu lado na cama.

- Vou descansar, mas você promete que amanhã nós vamos até a sua casa? Preciso ensinar sua irmã a falar palavrão.

Eu gargalhei imaginando a cena.

- E qual será?

- Provavelmente um que envergonhe seus pais, vou fazer com que ela fale durante o jantar - ela sorriu e logo adormeceu com a expressão de quem estava satisfeita com tal ideia.

Depois que ela acordou, fizemos seu castelo de cartas usando supercola para que ele não desmoronasse.

- Isso é roubar. - Eu estava certo disso.

- Não vejo desse modo - Aly disse enquanto tentava arrancar a cola dos dedos. - Nós só cuidamos para que a fundação seja decente e o castelo dure muitos anos. A rainha de copas não ficaria satisfeita se ficasse sem casa quando eu for embora.

- Rainha de copas? - Quem?

- Sim, é como apelidei a lagartixa que vive na primeira gaveta do meu criado-mudo, eu a chamei assim porque ela começa a comer os outros bichos pela cabeça - Aly respondeu aquilo como se fosse algo comum.

Eu sorri, revirando os olhos e balançando a cabeça. A perspectiva que Ayleen tinha do mundo era tão dela... Como eu gostaria que o tempo fosse gentil e me permitisse ficar ao lado dela o máximo que eu pudesse, talvez para sempre não durasse tanto.

Naquela tarde, quando cheguei com minha bicicleta na frente da casa dos Pumpkins, Ayleen já me esperava sentada nos degraus da entrada. Assim que me viu chegar, se levantou num pulo, animada, batendo palmas.

- Vamos, vamos! - Ela correu na minha direção com seu vestido azul claro balançando ao vento e meias listradas até os joelhos.

- Uou. - Brequei a bicicleta a tempo de não bater de frente com a garota - Isso tudo é ansiedade para poder ensinar minha irmã a falar um palavrão?

Ela balançou a cabeça positivamente, com um sorriso enorme no rosto, batendo palminhas sob o queixo.

- Não podia ser qualquer palavrão, tinha que ser um bom palavrão! - Ela virou de costas, sentando no guidão da bicicleta e apoiando os pés nas travas da roda da frente - Não me deixe cair, não quero ficar com a cara toda ralada de novo. - Isso já havia acontecido quando Ayleen se distraiu enquanto eu fazia uma curva.

- Não se distraía com as nuvens de novo, quem sabe isso ajude? - Ela me olhou com reprovação por cima do ombro direito quando ouviu minhas palavras.

- Vamos, Teddy, vamos logo!

Respirei fundo, empolgado dentro do meu limite, e a carreguei pelo caminho de casa.

Mais uma cena que eu queria poder ter registrado e não pude, Ayleen de olhos fechados, braços abertos, cabeça erguida e cabelos dançando ao vento. Havia uma tempestade dentro do meu peito e eu não percebi, triste seria a hora em que a represa não suportasse mais segurar tanta água.

Ficar ao lado de Ayleen era confortavelmente estranho, eu era um ano e meio mais velho que ela, e mesmo assim eu a sentia como se estivesse muitos anos na minha frente, mesmo com seu jeito infantil em certas horas.

Minha casa não era tão bonita quanto a dela. O portão da frente precisava de uma boa pintura com urgência, assim como a atenção que devia ser dada ao jardim, que agora tinha uma boa quantidade de mato e flores pequenas crescendo além do devido. O

telhado de casa era verde, as paredes da fachada de um amarelo envelhecido e isso só dava uma amostra de como aquilo era por dentro. Meu pai trabalhava em uma fábrica seis dias por semana, minha mãe era professora no jardim de infância e eu e minha irmã passávamos um bom tempo trancados dentro de casa com a velha TV como companhia.

Ayleen pulou da bicicleta logo que eu parei em frente à casa e correu em direção a porta, não me esperando. Liz estava lá dentro, ela adorava Ayleen.

Minha irmã, no momento, tinha quase seis anos, dois dentes faltando na boca e uma imaginação fértil igual a de Ayleen, as duas se adoravam. Guardei minha bicicleta e enrolei um

pouco para entrar. Olhei para o céu, me perguntando se Deus já havia escutado minha oração da outra noite. Será que Deus tinha tempo para um garoto de quase quinze anos, magricela e pobre? Eu esperava que sim.

Quando entrei, Liz e Ayleen gargalhavam.

- O que é tão engraçado? - Quis saber.

- Ayleen me ensinou uma palavra feia! Ela me ensinou a falar... - Ayleen logo interrompeu e tapou a boca de minha irmã.

- Você vai saber no jantar! Vamos, quero ir logo lá atrás. -

Ela se levantou e me pegou pela mão.

Eu havia conseguido uma corda e um pneu velho, o dono da borracharia disse que ele não prestava mais e me deu sem cobrar nada.

O trabalho da hora que se passou foi fazer um nó decente para prender o pneu e reforçar as voltas da corda no tronco da mangueira atrás de casa para que o balanço aguentasse o peso de quem se atrevesse a sentar naquilo.

Quando eu terminei de conferir se tudo estava bem amarrado, pulei da árvore e vi Ayleen correr em minha direção, e meu coração bateu forte; achei que ela viria me abraçar. Foi como se minha mente ficasse em branco naquela hora. A garota passou correndo por mim e se jogou no velho pneu, rindo e soltando gritinhos toda vez que dava um impulso maior do que devia e o balanço subia mais alto. Quando me recuperei da sensação

esquisita, peguei a bolsa de colo de Aly, largada no meio do quintal, e achei sua Polaroid dentro. Aquele era um

momento a se registrar para toda eternidade.

Minha vizinha era uma boa pessoa, viveu sozinha a vida toda e adorava quando recebia visitas. Eu já havia conversado com ela sobre o que Ayleen havia me pedido, ela aceitou de bom grado fazer parte da lista e nos convidou para um chá da tarde. Eu agradeci imensamente quando o gosto de pêssego gelado desceu pela minha garganta. Trabalhar no balanço havia me cansado.

- Então quer dizer que você quer realizar um desejo meu? -

A mulher idosa de cabelos curtos e grisalhos, sentada à nossa frente, encarava Ayleen com muita curiosidade enquanto os olhos da garota rodavam pela sala de estar.

- Sim. Gostaria muito - Ayleen parecia séria, largou seu copo em cima da mesa e alisou o vestido - Quero poder viver algo que alguém mais velho se arrepende de não ter feito, assim eu não me arrependeria também caso ficasse velha.

- Hm... - A mulher ponderou e então pegou seu maço de cigarro.

- Desculpe, Aly não pode respirar isso - As palavras saltaram da minha boca e eu percebi o olhar de reprovação de Ayleen queimar em meu rosto.

A mulher largou o maço de cigarro em cima do sofá como se aquilo queimasse seus dedos e seu rosto mudou de um segundo para o outro.

- Não tem problema - Ayleen me contrariou - Eu nunca fumei, nunca bebi, nunca fiz nada ilícito, por mais que ainda queira fumar maconha - Me dei um tapa na cara

mentalmente - E vou morrer. Então aproveite enquanto pode.

- Não, minha querida - a mulher parecia digerir o que havia acabado de ouvir - Isso não tem importância. Bem, não fiz muitas coisas que eu queria quando jovem, os tempos eram outros... Mas hoje, a coisa que eu mais me arrependo é de não ter aproveitado o meu tempo com as pessoas que eu amei. Então se você quer algo para fazer por mim, que seja isso. Aproveite seus pais, seus amigos, faça e fale tudo o que quiser - a mulher respirou fundo, como se

estivesse saudosa - Eu achei que quando ficasse velha, ficaria arrependida de não ter viajado mais, namorado mais, casar, ter filhos... - a senhora deu de ombros - Mas eu me arrependo das pessoas que eu afastei quando tive medo, das que perdi por besteiras faladas em momentos de raiva e pura adrenalina.

A decepção na cara de Ayleen era clara.

- Me perdoe se não era isso que você esperava vindo aqui.

Porém essa é a verdade. Quando eu morrer, não terei ninguém a não ser o pequeno Dinkcles aqui - ela alisou o gato - para sentir falta, para chorar minha morte, para dizer que viveu comigo tudo o que tinha direito. Você tem um bom amigo, Ayleen - ela me indicou com a cabeça, e eu senti meu rosto esquentando, constrangido -

Não vá embora antes de passar um bom tempo ao lado dele e de seus pais...

- Muito obrigada pelo chá - Eu me levantei num pulo e Aly me imitou.

- Não terminamos ainda... Eu sei que não dei exatamente aquilo que a garota queria, sentem aí - era uma ordem.

Nós nos sentamos novamente, nos olhando sem entender.

- Se vai fumar maconha, é bom que seja com um responsável perto - a senhora abriu um sorriso, compartilhado com Ayleen, que parecia surpresa, uma reação muito rara naquele rosto.

- Hoje foi um dos melhores dias da minha vida! - Ayleen falou de boca cheia, depois de comer metade do pacote de pão que minha vizinha havia colocado sobre a mesa - É verdade que não foi como eu esperava, a sensação é que você fica com uma lentidão enorme na cabeça - ela juntou as sobrancelhas, parando para pensar por um segundo - Eu não faria isso de novo, gosto de ter controle sobre a minha boca e parecia que as frases estavam certas na mente, mas quando eu ia falar, tudo se embaralhava! - Ela sacudiu a cabeça - O bom é que não sinto essa fome toda desde que comecei o tratamento.

Eu não falei nada, apenas observei. Estava chocado por minha vizinha ter maconha em casa, por Ayleen experimentar, por eu ter ficado calado e consentido com aquilo. Pelo menos ela estava feliz, esse era o princípio de tudo, não?

Na hora de levar Ayleen de volta para casa, fiquei dentro da minha mente por mais tempo que o normal e ela notou, mas ficou quieta, olhando para o céu enquanto eu dirigia a bicicleta. Quando finalmente paramos em frente à sua casa e descemos da bicicleta, Aly se aproximou e me abraçou forte. Demorei um tempo para abraçá-la de volta, mas o fiz com o coração batendo nas orelhas.

Ayleen esfregou o rosto no meu peito e disse baixinho:

- Obrigada por me fazer viver, obrigada, obrigada, obrigada, querido Teddy.

Tudo o que eu conseguia repetir na minha mente era “por favor, não vá”.

Qualquer arrependimento que eu tenha tido durante aquele dia se foi junto com o beijo que Ayleen deu em minha bochecha antes de sair correndo para dentro de casa. A noite não precisava de estrela nenhuma quando o sorriso de Ayleen conseguia iluminar todos os cantos do universo.

Voltei para casa sem pressa alguma, fui pelo caminho mais longo e, para minha felicidade, encontrei um cartaz no muro onde anunciava um show de uma banda que Ayleen amava. Nossa programação de sábado seria uma sucessão de riscos na pequena lista.

Peguei minha mochila e saí de casa bem cedo no sábado, o dia seria longo, e eu queria aproveitar cada segundo dele. Ao chegar na casa de Aly, ela estava sentada ao lado de seu pai nos degraus da varanda.

- Bom dia, senhor Pumpkin - eu cumprimentei o homem que parecia desconcertado.

- Bom dia Teddy, Ayleen me contou dos planos de hoje - a garota ao lado dele revirava os olhos - Tomem cuidado, na mochila dela tem remédios para qualquer dor, curativos caso ela se machuque, dinheiro para vocês passarem o dia e um telefone celular. Não hesite em chamar caso algo aconteça.

- Não se preocupe, senhor, irei cuidar dela. - Era uma promessa.

- Voltem cedo, liguem se precisar. - O homem reforçou a ideia.

- Certo, papai, Teddy já entendeu que deverá ser a melhor babá do mundo hoje. Me dê um beijo e vá lá dentro se acertar com a mamãe. - O homem ficou vermelho até as orelhas por ser exposto na minha frente. Ele se demorou no abraço na pequena criatura loira que vestia um vestido de bolinhas coloridas e meias pretas com estrelas amarelas.

- Vamos logo, Teddy! - Ela se soltou do pai, animada, e se sentou na garupa da bicicleta, passando os braços em volta de mim para mostrar ao pai que estava segura. A sensação era maravilhosa, quase fiquei com a mente em branco novamente, mas o rosto do pai dela nos encarando me fez querer sair dali rápido.

- O que aconteceu com seus pais? - Perguntei no meio do caminho.

- Parece que minha mãe não aceitou de verdade que eu vou morrer - Aly disse aquilo com tanta naturalidade, que só aí eu percebi o quanto eu também não tinha aceitado. Senti como se uma mão apertasse meu coração naquele segundo. Aly não conseguia ver meu rosto, então continuou a falar - Ela tem medo que eu me machuque, tem medo que eu saia sem ela, tem medo de tudo e começou a gritar com meu pai. Precisei entrar no meio da discussão e falar para ela que meu pai não tinha culpa do que estava acontecendo, que eu estava me emancipando, pois agora já tenho trinta e três anos e preciso viver.

Quem mandou eu dar a ideia de comemorar aniversário todos os dias? Fechei os olhos por um segundo, arrependido. Senti Aly encostar a cabeça em minhas costas.

- É como se todo dia fosse o melhor da minha vida, Teddy! -

Ela disse com ares de sonhadora, e eu me contentei com aquilo por hora. Que aquele dia ganhasse o título de melhor dia então.

Quando Ayleen botou os olhos no parque de diversão, bateu palminhas e os pés, de tão animada. Seus olhos brilhavam enquanto ela decidia o que fazer primeiro.

- Podemos nadar na piscina de bolinhas primeiro? Eu realmente quero uma foto disso. Depois você pode escolher para

onde vamos!

Eu não consegui abrir a boca para concordar, porque já estava sendo puxado na direção que ela queria.

Eu não pude entrar na piscina com ela, minha altura não permitia, por isso fiquei de fora, segurando as mochilas, com a câmera na mão, vendo Ayleen brincar como se aquilo fosse a coisa mais divertida de se fazer na vida. Quando ela cansou de pular, girar e jogar bolinhas para todo canto, se deitou e ficou olhando para o teto durante um bom tempo. Foi nessa hora que resolvi tirar a foto, mais um item riscado.

Depois de irmos no carrinho de bate-bate, em um escorregador gigante e em alguns brinquedos aleatórios que estavam com pouca fila, paramos para que Aly pudesse comer e tomar seus remédios. Pegamos nossos lanches e nos sentamos sob uma árvore, olhando para o grande lago em frente ao parque onde pessoas pulavam de *bungee jump*.

- Aquilo é como voar - Aly comentou.

- Parece divertido. - Concordei. - Não sei se eu teria coragem.

- Quero ir naquilo. - Ela disse, decidida.

- Tem certeza? - Se ela se machucasse, eu me culparia para o resto da vida.

- Tenho! Vamos terminar de comer e esperar um pouco a digestão, depois disso, nós vamos saltar daquilo.

Ayleen era louca, e eu devia ser pior, pois concordei.

- Estão prontos? A foto de vocês estará disponível na cabine ao lado da saída. - O instrutor disse enquanto conferia as amarras e proteções.

A corda apertava minha cintura e peito com força, Ayleen estava na mesma situação ao meu lado dentro da gaiola. Ela pegou minha mão e me olhou, achei que ela estava repensando se deveria mesmo fazer aquilo, quando ela me disse:

- No três! 1, 2, 3! - E então nós saltamos.

- Você provavelmente vai me matar antes do final da lista, se não por acidente, por infarto. - Foi o que eu disse quando estávamos seguros, no chão.

Eu amava o chão naquele segundo.

Ayleen rodava em seu vestido, feliz da vida.

- Pare de reclamar, nós voamos! - Ela deitou no chão, rindo sozinha - Esse era o item que eu achei que não poderia realizar nunca, o que ficaria sobrando em minha lista e eu consegui riscar!

AH! - Ela gritou, feliz demais para se conter dentro daquele pequeno corpo.

Quando o sol estava se pondo, subimos na roda-gigante, comendo algodão doce. Eu precisava admitir, o dia tinha sido maravilhoso até ali, e enquanto o sol se punha dentro do lago à nossa frente e estávamos no ponto mais alto da roda, Ayleen encostou a cabeça no meu ombro e suspirou.

- De todas as casualidades da minha vida, encontrar você foi a melhor delas.

Tudo o que eu consegui fazer foi abraçá-la e beijar o topo de sua cabeça. Nem todo o tempo do mundo ao lado daquela menina seria o bastante para suprir a falta que ela faria.

A noite já havia caído quando montei na bicicleta com Ayleen na garupa, ela me abraçou forte e suspirou.

- Não queria que o dia de hoje acabasse, não queria ir para casa... - A garota lamentou.

- Não vamos para casa agora. - Eu quebraria as regras, mas valeria a pena. - Vou te levar em outro lugar.

- Está dizendo que vamos desobedecer meu pai? - O tom era de surpresa, a segunda vez em uma semana, que raridade! -

VAMOS! - Ela me apressou, e eu ri enquanto pedalava para o centro da cidade.

A casa de show estava lotada, o segurança na porta tinha dois metros de altura e uma cara nada amigável, por isso resolvemos rodar o lugar até achar a porta dos fundos. Esperamos por belos vinte minutos, com o coração disparado pela loucura que iríamos fazer, até alguém sair para pôr o lixo para fora e, então, entramos.

Ayleen estava de mãos dadas comigo, quando saímos de trás da cortina do bar, alguns adultos nos encararam, mas não

tiveram tempo de falar nada, porque puxei Ayleen pela multidão, indo em direção ao palco. O show já havia começado, a luz do lugar era vermelha e a banda fazia todos dançarem. Alguém derrubou cerveja em mim, mas eu não parei até estar com Ayleen de frente para a banda.

Stereophonics tocava bem, Ayleen gostava do som e dançou do seu jeito esquisito ao som de *Dakota*. Eu não sabia o que fazer, mas em alguma hora da música, Ayleen pegou minhas mãos e me sacudiu de um jeito que parecia funcionar para ela. Eu ri, ela estava de olhos fechados e eu me sentia exatamente como no refrão da música: *"You made me feel like the one"*.

Me mexi ao seu redor enquanto ela dançava com os dedos, mãos, braços, cabeça e corpo. Era como se ela fosse a lua, e eu, a mariposa que tentava alcançar a luz a todo custo.

Quando a música acabou, Kelly Fucking Jones, como Ayleen o chamava, parou por um instante para beber água, seus olhos pararam em Ayleen e ela não perdeu a oportunidade.

- ME DEIXE SUBIR NO PALCO! - Ela gritou no meio da multidão, fazendo Kelly rir.

Ele estendeu a mão para a garota que me acompanhava, e ela foi puxada. O pessoal da casa de show gritou, aprovando a atitude enquanto Kelly falava algo no ouvido de Ayleen e ela balançava a cabeça positivamente, depois ela o respondeu e pelo choque no rosto do homem, ela provavelmente havia falado que iria morrer e aquele era um desejo de sua lista. Ayleen não estava fazendo nada escondido de ninguém, ela não tinha vergonha de morrer.

Eu sinto falta dessa coragem.

Enquanto minha melhor amiga olhava para mim de cima do palco, com suas roupas peculiares, Kelly falava algo com o restante da banda e então começaram a tocar *I Wanna Get Lost With You*, uma das favoritas de Ayleen, que bateu palmas como jeito de mostrar seu entusiasmo.

Ayleen dançou de seu modo esquisito, girou, cantou, pulou, e eu fotografei.

Em meu sistema solar, Ayleen era o sol.

Por que eu só fui perceber isso quando era tarde demais?

No caminho para casa, Aly sentou na frente da bicicleta e foi o caminho todo cantando alto o bastante para se fazer notar entre as pessoas pelas quais passamos. Ela abria os braços, rindo, olhava para o céu e gritava “obrigada” entre as pausas da cantoria.

Como alguém podia ser grato nessas condições? Eu não entendia.

Seu pai não tinha a cara mais amigável quando nos recepcionou no portão de casa, mas parecia aliviado de ver a garota bem daquele jeito.

- HOJE FOI O MELHOR DIA DE TODOS! - Aly se jogou no colo do pai, que quase caiu, sendo pego de surpresa. Eu tentei abafar o riso, mas foi inútil.

- Tente dizer isso para sua mãe, que está louca dentro de casa.

- Não se preocupe, quando eu contar onde Teddy me levou hoje, mostrar as fotos e ela ver minha cara, tudo isso vai

passar. Vá entrando, papai. – Ela deu a mochila nas mãos dele e o homem obedeceu, como não rir daquilo? Nem mesmo um homem de quarenta e poucos anos conseguia contrariar Ayleen.

– Teddy, eu não sei o que te dizer, eu não sei como agradecer, eu não tenho ideia de como vou conseguir dormir essa noite! Você é o melhor amigo que alguém poderia ter na vida, eu sou tão, tão, tão sortuda por ter você! – Ela apertava as mãozinhas contra o próprio peito – Eu amo você! – Ela me abraçou, quase me fazendo cair da bicicleta, e eu a abracei de volta, querendo que, naquele abraço, ela entrasse dentro do meu corpo e pudesse viver.

O que eu não faria para trocar de lugar com ela?

Eu já estava me virando para ir embora, quando ela gritou da porta de entrada.

– Teddy! – Eu me virei – Te vejo amanhã?

– Pode apostar que sim. – Sorri e acenei, ela me deu tchau com a mão e entrou em casa.

– Querida Ayleen, você pode me dizer onde aprendeu a xingar em holandês? – Esse foi meu bom dia para Ayleen depois que minha irmã soltou no jantar que havia aprendido algumas

palavras em outra língua, se levantou e, depois de ela falar e minha mãe perguntar o que significava, o suco que eu estava tomando saiu pelo nariz, de tanto que ri. Mamãe não aprovou a canção de

“eu peido em sua direção”.

- *Ik laat een scheet in jouw richting?* - A cara de pau me perguntou.

- Acho que é isso - tentei reprimir o riso.

- Eu procurei no Google - ela sorriu, sabendo que havia funcionado e que minha irmã havia soltado a bomba no jantar em família.

- Minha mãe não sabia se ficava orgulhosa por minha irmã saber outra língua ou se a repreendia por serem palavras ruins.

- Não existem palavras ruins - Ayleen me corrigiu, e eu não discuti.

- Então - falei me sentando na poltrona em frente à sua cama - quais são os planos para hoje?

- Eu queria conseguir fazer mais coisas, mas estou realmente cansada pelo dia de ontem. Eu passei a noite me beliscando para acreditar que eu realmente conheci Kelly Fucking Jones. - Ela sorria, olhando para o teto, como se falar daquilo trouxesse a memória de cada detalhe de volta. - Mas, enfim - ela se sentou de repente - Vamos descer, papai e mamãe já devem estar esperando.

Eu podia sentir a tensão no ar, a mãe de Ayleen estava se esforçando, mas mesmo assim não conseguia se sentir confortável com os planos da filha, ao contrário de seu pai, que parecia ter se conformado. Ninguém conversou no carro, me senti como um intruso na família aquele dia. Ayleen foi obrigada a colocar a máscara e estava de mau humor por isso.

- É esse - Aly andou de um lado para o outro, olhando, enfiando o dedo dentro das gaiolas e conversando com os

felinos, até que encontrou um gato de cara amassada, magricelo e laranja que a respondia de forma animada.

- Tem certeza? - O rapaz do abrigo que nos acompanhava perguntou.

- Tenho - Ayleen o encarou, séria, os olhos de tempestade reprovando o tom de voz do homem.

- Já que está decidido, um dos responsáveis precisa vir comigo preencher os papéis e pagar a taxa. Qual nome vai dar para ele? Vamos colocar nos registros e na coleira de identificação.

- Sujeito - Aly disse, fazendo o homem soltar um ronco ao reprimir a risada.

- Tem certeza, Ayleen? - A mãe questionou.

- Tenho - Ayleen ainda brincava com o gato, sem prestar atenção em nenhum de nós - Assim, quando ele fizer algo que eu achar errado, vou poder dizer "tome jeito, Sujeito!" - E eu caí na gargalhada.

A primeira foto de Ayleen e Sujeito foi tirada quando o gato se jogou em seu colo, como se tivesse encontrado sua alma gêmea, e Ayleen o abraçou forte, como se, caso fosse preciso, desse sua vida pelo bichano.

Algumas vezes minha imaginação funcionava, e na manhã de segunda ela estava a todo vapor. O jornal da escola era pequeno e não tinha muitos recursos, mas contava com uma editora-chefe muito curiosa e prestativa. Anne me atendeu bem quando bati na porta da pequena sala cheia de amontoados de papel.

- O que posso fazer por você? - A menina de cabelos cacheados compridos me perguntou, cruzando os braços sobre a mesa, e então eu soltei tudo o que podia sobre Ayleen, sua lista e sua vontade de não ser esquecida. Do seu desejo de escanear o rosto e ir parar no jornal. Anne sorriu, mas percebi que não com os olhos.

- Será que eu poderia ir com você visitar Ayleen? - Ela me pediu depois de um bom tempo de silêncio na pequena sala.

- Acho que não será problema... - realmente não achava.

- Então vamos - Anne passou a mão na bolsa marrom cheia de franjas, e eu me levantei num pulo para ir atrás dela.

Era a primeira vez que eu dava carona para alguém que não fosse Ayleen e era estranho ter outra pessoa encostando tanto em mim. Quando chegamos em nosso destino e a senhora Pumpkin

abriu a porta, olhou surpresa para a garota ao meu lado e ergueu as sobrancelhas.

- Olá, sou Anne. Estudo na mesma escola de Ayleen e queria vê-la. - A menina se adiantou.

- Ah, olá. Entre, por favor. - A mulher nos deu passagem, indicando a sala. - Vou ver como Ayleen está e volto logo.

Anne e eu nos sentamos no sofá, distantes um do outro, e esperamos.

Logo a mãe desceu e atrás dela vinha Aly com seu novo companheiro a seguindo. Sujeito aparentemente não largava Ayleen.

- Olá - a voz de Aly estava mais rouca do que nos últimos dias, apesar disso, ela não estava em um dia tão ruim.

- Oi - eu e Anne dissemos ao mesmo tempo, e Aly sorriu.

- Teddy não me avisou que iria trazer você - Anne ficou envergonhada - Não se preocupe. Provavelmente Teddy contou sobre minha vontade de escanear meu rosto, não é?
- Aly quase ria.

- Sim, contou. - Anne parecia pouca coisa mais confortável e sorriu de volta pra Ayleen. - Queria ver como você estava e dizer pessoalmente que você tem acesso irrestrito ao jornal da escola.

As duas começaram a bater papo, Anne estava curiosa pelo caso de Ayleen, e Ayleen estava contente por alguém querer saber dela. Quando Anne finalmente foi embora, Aly me deu Sujeito no colo e foi para a cozinha, atrás de seu bolo de trinta e cinco anos.

Tiramos a primeira foto com o gato vestindo o chapéu de aniversário com uma cara não muito feliz.

- Teddy, será que você pode me ajudar a cavar um buraco no quintal do fundo?

- Um buraco?

- É, vou plantar uma árvore. Papai comprou no sábado um pezinho de jabuticaba.

- Ah, sim. Claro.

- Ah, avise seus pais que você vai dormir aqui no final de semana, vamos acampar. Se quiser trazer sua irmã será legal.

Dormir perto de Ayleen? Meu estômago deu um nó.

- Cla-claro. Vou ver e te aviso na quarta. Amanhã preciso ficar em casa.

- Ah, sem problemas - Aly parecia desanimada, de repente.

Depois de cavar bem um buraco bem no meio do quintal, Aly colocou a muda da árvore no buraco e afofou a terra em volta enquanto conversava baixinho com a planta. Ayleen e sua singularidade, de novo, me fazendo acreditar que ela era boa demais para esse mundo.

Me senti egoísta naquela noite, eu não queria que minha irmã fosse comigo acampar no quintal de Ayleen. Sinceramente, eu não queria dividir Ayleen com mais ninguém, e aquilo remoeu tanto minhas entranhas, que o jantar quase não desceu. Minha mãe percebeu o quanto eu estava estranho, e eu só justifiquei falando que estava com medo dela não me deixar dormir fora, o que não deixava de ser verdade, mesmo sendo apenas uma pequena parcela dela. Minha mãe, com muita pena no olhar, me liberou para a noite de sábado desde que eu ligasse às nove da noite e logo que acordasse. Eu concordei de imediato e me forcei a colocar o resto do jantar para dentro.

Aquela noite eu rezei, rezei pedindo para que meu primeiro amor não fosse Ayleen.

Mas descobri que talvez Deus fosse surdo...

No dia seguinte, procurei Anne e contei o que eu planejava para um dos pedidos de Ayleen. Os olhos da garota brilharam, e ela se comprometeu a me ajudar, para eu não me preocupar com o quanto custaria e que poderíamos começar o projeto naquela tarde, então eu passei o resto do dia colando papel pardo reforçado e tentando parecer um

pouco menos esquisito para a equipe do jornal, que decidiu ajudar com o plano.

- Você deveria ter visto minha dança com os manequins! -

Aly dizia, animada, enquanto andava pelo parque. - Mamãe tirou uma foto, se voltarmos para casa hoje, eu te mostro.

- Se voltarmos? - O que é que Ayleen tinha programado para hoje? Meu coração se comprimiu praticamente contra o estômago.

- Preciso que você fique ali. - Ela apontou para um ponto um pouco distante. - Hoje iremos tirar a foto épica! Eu vou fazer xixi no mato e, se tudo der certo, serei presa.

Tudo o que eu pude fazer foi rir do entusiasmo dela e ganhei um belo tapa no braço por isso.

- Desculpe, desculpe! Mas eu vou ver você... - comecei a ficar vermelho, pensando naquilo.

- Bunda todo mundo tem, Teddy, a minha não tem absolutamente nada de diferente da sua - Ayleen revirou os olhos, como se aquilo fosse algo óbvio - Agora vá para lá, vai, vai - Ela me apressou, e eu obedeci fazendo uma prece para que nada desse errado.

Ayleen caminhou até um guarda ali perto, o policial parecia ocupado preenchendo alguma coisa, mas Aly o interrompeu e se pôs a falar, gesticulando muito com as mãos. O policial coçou a cabeça e respondeu algo, fazendo que não com a cabeça. Ayleen insistiu durante alguns minutos, e eu pude ouvir de longe "Sinto muito! Não posso prender você, mocinha!"

Ayleen se virou e deixou o homem falando sozinho. Eu conhecia aquele rosto, ela estava determinada. Caminhou até a árvore, bem de frente para o policial, e então levantou seu vestido e abaixou a calcinha.

Ayleen tinha razão, bundas eram todas iguais.

Quando ela se abaixou e começou a fazer xixi, o guarda veio correndo, apitando e gritando para que ela parasse. Foi aí que eu bati a foto.

Ayleen sendo perseguida pela polícia enquanto fazia xixi no mato.

Ela ignorou o homem, se sacudiu, depois levantou e se ajeitou. Corri para perto dela, vendo o homem esbravejar.

- Então me prenda logo! - Foi o que Ayleen respondeu, em desafio.

O homem considerou, olhou para mim e perguntou:

- O que ela contou... É verdade?

- Infelizmente sim, senhor. - Foi o que bastou para o homem entrar no personagem.

- Vire-se então, mocinha, tudo o que falar poderá ser usado contra você.

Ayleen se virou, animada, colocou as mãos para trás e foi algemada. O homem foi gentil, percebi que ele não apertou os pulsos dela e agradei por isso. Ele a encaminhou até seu carro e a colocou no banco de trás. Eu acompanhei com a bicicleta e pude ouvir quando ela falou:

- O senhor não vai ligar as sirenes? Está com uma pessoa perigosa dentro do seu carro.

Eu ouvi a risada do homem, e ele atendeu ao pedido dela, Ayleen ganhou uma segunda foto aquele dia, onde ela estava sorrindo no banco de trás da viatura.

- Você tem direito a uma ligação. - O guarda disse, tentando não rir da situação. - Depois disso, vou te colocar na cela.

Ayleen discou o número de sua casa, depois, segurando o telefone em sua orelha com as duas mãos e me olhando com os olhos arregalados, ela sorriu, quase mostrando todos os dentes da boca, e disse:

- Olá, mamãe, eu fui presa! Sim, em uma delegacia! Não é demais?

Precisei de toda minha força para conter o riso. Quando Ayleen foi parar na cela, pediu uma caneca de ferro que havia em sua bolsa e começou a passar a caneca de um lado para o outro nas grades, falando alto sobre injustiça e que queria sua liberdade.

A foto da delegacia foi com Aly descansando as mãos na grade.

Quando a mãe dela apareceu, cinco minutos depois da ligação, pediu perdão para o guarda e nos arrastou para fora da delegacia, um pouco mais rabugenta do que deveria.

- A senhorita está proibida de sair de casa. Teddy, vou proibi-lo de vê-la se continuar incentivando essa loucura, entendeu? - A mulher tremia de nervoso, e eu não encontrei minha língua para responder, então balancei a cabeça positivamente e montei em minha bicicleta.

- Não vá para qualquer outro lugar senão minha casa, entendeu? - Ayleen me disse pela janela do carro, o rosto calmo,

mas os olhos cheios de uma fúria que eu nunca havia visto. Tudo o que eu fiz foi concordar.

Quando cheguei na casa de Ayleen, a porta estava entreaberta, e eu pude ouvir os berros da varanda.

- O QUE VOCÊ ESTÁ TENTANDO FAZER? - A mãe gritava repetidamente, desesperada.

Eu me atrevi a enfiar a cabeça dentro da porta e vi a mulher de joelhos, na frente de Ayleen, que acariciava seu rosto.

- Estou fazendo tudo o que eu quero fazer, mamãe. Eu nunca estive tão feliz.

- Ayleen, isso não é uma brincadeira. Você pode se machucar, você pode... Você pode...

- Morrer? - Ayleen se atreveu a terminar a frase, e então a mulher ajoelhada na sua frente a abraçou e começou a chorar de uma forma tão intensa, que me senti invasor ao assistir aquilo, mas não consegui mandar minhas pernas me tirarem dali.

- Mamãe, você é uma ótima mãe. A vida é o que é. Isso podia acontecer com os vizinhos, com Teddy, com meus primos e qualquer outra pessoa no mundo, mas aconteceu aqui - Ayleen acariciava o cabelo da mãe enquanto falava - Eu não quero que você se culpe, não quero que culpe ao papai, não quero que culpe Deus. Eu nunca me encaixei direito aqui, mãe, é como se estivesse sendo chamada de volta para o lugar de onde eu vim, onde pertencço. Eu nunca estive tão feliz, tão bem, tão eu. Quero que você se lembre

de mim exatamente assim e que viva, viva intensamente, todo dia. Me ajude a me lembrar desse mundo com o melhor que ele pode oferecer.

As duas ficaram abraçadas por muito mais tempo, e eu só notei que estava chorando quando meu nariz entupiu e eu precisei fungar. Me afastei da porta e sentei nos degraus da escada, encostei a testa nos joelhos e deixei tudo aquilo sair de uma vez.

Ayleen iria embora, e não havia nada que eu pudesse fazer para impedir, não havia nada que pudesse ser feito para mudar isso. O

que eu não entendia era: como ela podia estar tão feliz?

- Preciso de alguns momentos apenas com eles. - Ayleen disse quando se sentou ao meu lado, me tirando do transe.

- Eu concordo... Estarei de volta no sábado. - Tentei disfarçar a voz embargada pelo choro. Me levantei, dei um beijo na testa de Aly e fui embora, tentando manter afastado todo e qualquer sentimento de tristeza que pudesse me pegar pelo caminho.

Faltavam poucos itens para que a lista de Ayleen se completasse, e eu confesso: fiquei feliz de saber que boa parte daquilo ela havia realizado comigo. Não importava quanto tempo fosse passar, eu sempre teria a minha versão da história, porque estava lá.

Cheguei na casa de Ayleen perto do pôr do sol, seu pai me recepcionou e logo me entregou um copo de limonada, pegando minha mochila e deixando no banco da entrada.

- Ayleen está lá atrás com sua mãe, ela fez uma bela arrumação no quintal. - O homem tentou falar com

animação, mas a tristeza estava escondida no fundo da voz.

A música estava alta o bastante para eu escutar desde o momento que cruzei o portão da casa dos Pumpkins. Quando cheguei na porta de acesso ao quintal, me encostei no batente e observei a cena, tentando gravar cada detalhe como em uma foto.

Havia luzes de natal por toda a cerca de madeira em volta do quintal, uma cabana azul, pequena e cheia de flores ao seu redor, estava montada em um canto do gramado enquanto o cheiro de churrasco inundava o ar. Mesmo com tudo estando muito bem arrumado e bonito, o maior ponto de luz no quintal era a garota de vestido branco e casaco amarelo, dançando descalça no meio de tudo aquilo, agarrada ao gato laranja.

Quando ela me viu, largou o bichano, saiu correndo em minha direção e me abraçou forte. Eu a abracei sem jeito, apenas com um dos braços, e respirei fundo, aspirando o cheiro de seu xampu.

- Que bom que você veio! - Ela se afastou e me olhou com os olhos de um azul acinzentado intenso, suas olheiras estavam mais profundas e a voz um pouco mais rouca que o normal, mas não me abalei.

- Eu disse que estaria aqui. - Sorri e me atrevi a mexer em uma das pequenas tranças em seu cabelo.

- Gostou? Mamãe que fez! - Ela se balançou para que eu pudesse ver as trancinhas dançando no ar.

- Ayleen, traga Teddy para comer alguma coisa! - A mãe dela a chamou, já fazendo nossos pratos.

Aly me puxou pela mão e se sentou ao meu lado durante a refeição. Ela mal comeu, eu percebi que ela mais remexia em seu prato e falava do que de fato comia, mas preferi não comentar nada.

- Está satisfeito, Teddy? - A senhora Pumpkin parecia muito melhor do que da última vez que havíamos nos conversado e estava exagerando na gentileza. Isso podia significar que ela estava se desculpando por ter brigado comigo, e eu estava aceitando as desculpas todas as vezes que ela enchia meu copo ou me oferecia mais alguma coisa para comer.

- Agora vamos cantar parabéns! - Aly estava extremamente animada e correu para dentro da cozinha antes que a mãe terminasse de recolher os pratos.

O bolo de hoje era diferente. Grande e cheio de jujubas coloridas sobre o glacê, as velas de quarenta anos acesas na frente de uma garota magricela e feliz. Aly fez o pedido quando apagou as velas e me deu o primeiro pedaço de bolo, mas antes que eu pudesse dar a primeira garfada, *C'est La Vie* começou a tocar, e Ayleen ficou de pé no banco de madeira em que estávamos sentados.

- Vamos dançar! - Ela me puxou pela gola da blusa, quase me derrubando do banco, e a reação de todos foi somente uma: rir.

Os pais se levantaram também, e nós todos fomos para o meio do quintal. Aly se mexia de seu jeito engraçado, chutando, rodando, pulando e tentando me fazer acertar algum passo de sua dança maluca enquanto seus pais dançavam juntos, apenas balançando os corpos no ritmo da música e observando a criança que em breve não faria nada daquilo.

Aly me pegou pelas mãos e me fez a girar pelo quintal, remexer, descer até o chão e até mesmo bater as ancas na dela, rindo sem parar. Cruzou as mãos com as minhas e então nos

colocamos a girar juntos pelo quintal, rindo alto, cantando e aproveitando aquilo tudo. Aly se aproximou e me abraçou pelo pescoço, ficando na pontas dos pés e cantando os refrãos finais em apenas um sussurro nas minhas orelhas

- And when the morning light comes I'll be gone c'est la vie, we don't belong anywhere, we don't belong anywhere, we don't belong anywhere. Set me free, we don't belong anywhere, we don't belong anywhere, we don't belong anywhere...

A voz de Ayleen foi ficando cada vez mais fraca, e eu senti algo molhado em meu pescoço. Eu a segurava com força pela cintura, e se não fosse por isso, Aly teria caído no chão. Quando eu me virei para ver seu rosto, a pele branca estava manchada de vermelho pelo sangue que saía de seu nariz.

Ayleen desfaleceu nos meus braços, e eu entrei em pânico.

- Ayleen! AYLEEN! - Eu a chamei, desesperado.

Seus pais chegaram depressa, o pai a tomando dos meus braços e correndo para dentro de casa enquanto a mãe chorava e ia correndo atrás. A cena parecia estar acontecendo em câmera lenta, e minhas pernas pareciam pesar uma tonelada cada. Caí de joelhos na grama, com o coração batendo tão forte que me deixava surdo.

Ayleen não podia ir embora ainda, tínhamos coisa demais para fazer, tínhamos que terminar a maldita lista. Eu não sei quanto tempo fiquei ali, mas finalmente me forcei a levantar e andei em passos duros para dentro de casa.

- Você é um parceiro de dança muito bom, Teddy... - A voz cansada de Ayleen me recepcionou quando apareci na sala. Ela estava deitada no sofá, com o pai limpando o sangue de seu nariz e a mãe acariciando seus cabelos - Até me fez desmaiar... - Ela sorriu e então eu vi os dentes sujos de sangue. Ayleen se levantou para tossir, tossiu forte, e eu vi o lenço branco que seu pai tinha lhe dado ficar vermelho.

- Aly, você precisa ir para o hospital, nós podemos fazer isso outro dia. - As palavras pularam do cérebro direto para a boca e então para os ouvidos de Ayleen.

- Nem pense... - Aly disse, ofegante - Não pense em desistir disso agora, Theodore, você me prometeu. - Os olhos que me

encaravam não eram da Ayleen doce, e sim de uma Ayleen que me cobrava e implorava para que eu cumprisse minha parte no nosso acordo.

Sentei na beirada do sofá e passei a mão pelos cabelos, pensando em um jeito de negociar com Ayleen, sabendo que aquela poderia ser uma batalha perdida antes mesmo de eu abrir minha boca novamente.

- Tudo bem. Vamos ficar por hoje, mas amanhã você irá ao médico.

Não havia um termo de negociação naquilo, era o que aconteceria e ponto. Os olhos de Ayleen pareciam magoados, mas não deu tempo de ela me repreender, pois mais uma crise intensa de tosse chegou e levou um bom tempo até que ela se recuperasse dessa vez. Como eu não havia enxergado os sinais de quão grave isso era antes?

- Quero ver as estrelas antes de dormir. - Foi o pedido de Ayleen depois que colocamos os pijamas e voltamos para o

quintal.

Estava frio, então seus pais estenderam uma esteira sobre a grama e colocaram cobertores sobre nós. Ayleen suspirou, obviamente brava por ser contrariada e não poder deitar na grama.

Seus pais se sentaram nas cadeiras da varanda de trás, a uma boa distância de nós, e ficaram conversando entre si.

- Você me assustou. - Foi tudo o que consegui dizer olhando para as estrelas, o céu estava estranhamente limpo naquela noite.

- Me desculpe. - Foi tudo o que Ayleen me disse por longos minutos, até que ela pegou minha mão por baixo das cobertas e apertou forte. Eu retribuí o aperto.

- Então, qual sua estrela favorita? - Perguntei, tentando fazer Ayleen desembestar a falar.

- Não tenho uma em particular, gosto de ficar ligando pontos com elas. Imagine ali. - Ela esticou a mão livre para fora das cobertas, indicando um conjunto de estrelas - Imagine que aquelas ali são uma teia de aranha que nunca vai se desfazer, por mais forte que seja o vento. Aquilo pode ser um arrependimento de Atena.

Você conhece a história de Aracne? - Aly me perguntou, me olhando. Eu já a encarava havia um bom tempo sem ela perceber.

- Não, não conheço. - Fui sincero e vi a empolgação crescer no rosto dela ao poder me contar um fruto de suas obsessões.

- Lembra quando eu fiquei obcecada por palavras?

Sim, eu me lembrava perfeitamente disso. Ayleen só usava palavras e expressões que ela havia descoberto a história por trás, a origem de tudo.

- Obviamente.

Ela sorriu em resposta e logo se pôs a discursar, do jeito Ayleen de ser, gesticulando e alterando o tom de voz conforme o suspense do momento.

- Aracne era uma moça muito bonita. Ela achava que bordava maravilhosamente bem e resolveu desafiar a deusa Atena, que era protetora dos fiandeiros, para uma competição onde se decidiria quem bordava melhor. Atena se disfarçou de velhinha e tentou convencer Aracne que aquilo era loucura e que ainda dava tempo de desistir, que era absurdo uma mortal desafiar uma deusa.

Aracne soltou os cachorros em cima da velhinha e ainda disse que, se a deusa não aparecesse no dia da competição, era porque sabia que iria perder. A deusa se revelou, disse que estava pronta para o desafio e então as duas começaram a fazer cada uma sua tapeçaria!

“A deusa bordou uma imagem de vários Deuses e sua fúria com mortais presunçosos e Aracne bordou os erros e enganos dos Deuses, um tanto quanto atrevida, não acha? Bem, o trabalho de Aracne era realmente bom e Atena ficou louca da vida, desmanchando tudo e espetando Aracne com sua agulha. Aracne se sentiu humilhada e tentou se enforcar, mas a deusa não deixou.

Jogou suco de acônito na mortal e Aracne então se transformou! Os cabelos caíram, o nariz e as orelhas sumiram enquanto a cabeça ia ficando pequenininha. Os dedos se colaram ao corpo, virando patas e então Aracne se

tornou uma aranha, fadada a tecer teias de ilusões para o resto da eternidade.”

Aly olhou novamente para o céu antes de concluir:

- Era a frase de efeito no livro que li, uma boa definição, não?

- Uma ótima definição. - Era impossível não sorrir ao lado de Ayleen naquele momento.

- Será que Atena se arrependeu? - Ayleen questionou.

- Eu acho que os deuses têm um tempo de vida muito longo, isso deve fazer com que eles se esqueçam dos seus erros. Não existe arrependimento quando se é um deus. - Foi o que respondi, sentido por estar pensando na injustiça que acontecia com Ayleen.

- Eles podem até não ter arrependimentos, mas não acho que deixem as coisas acontecerem à toa. - Aly deitou a cabeça no meu ombro. - Pense bem, se aranhas não existissem, a rainha de copas teria apenas mosquitos e baratas em seu cardápio. - Ela riu e se abraçou inteira ao meu braço, tremendo de frio.

- Você está bem? - Coloquei a mão em sua testa e percebi o quanto Aly estava quente.

- Nada que os remédios não resolvam. Se importa se formos para dentro da barraca? Eu realmente estou cansada.

- Não, claro. - Me sentei e ajudei Aly a se sentar também.

Seus pais logo vieram e deram os remédios da noite, Aly engoliu tudo sem reclamar e então fomos para dentro da cabana.

Os colchões infláveis eram confortáveis, o travesseiro e as cobertas que me arranjaram também, mas, mesmo assim, eu não consegui dormir e assisti enquanto Ayleen viajava para uma terra inteiramente dela com Sujeito deitado em seu peito.

Se os deuses tinham arrependimentos, eu não sabia, mas tinha certeza que eles cometiam alguns erros.

Eu não lembro a hora que adormeci, mas acordei com uma bela gritaria. Assim que abri os olhos e não vi Ayleen ao meu lado, levantei em um pulo e sai da cabana. A cena que vi no momento seguinte me fez acreditar que anjos existiam.

Estava chovendo, Ayleen estava deitada na grama sob a chuva e sorria, de olhos fechados e com as mãos juntas sobre o peito.

- Teddy, tire ela da chuva! - A mãe falava, desesperada. Pelo que podia ver, seus pais dormiram nas cadeiras da varanda.

- Vamos, Ayleen! - Comecei a ficar molhado para valer conforme falava com ela, que já estava encharcada.

- Não é maravilhoso? - Ela nem mesmo abriu os olhos -

Tudo acontecendo como tem de ser.

- Aly, você está aqui há quanto tempo?

- Acho que uma hora, não tenho ideia. Você e meus pais estavam dormindo, então resolvi fazer algo comigo mesma. Sujeito não quis sair na chuva, teremos problemas para dar banho nele, aparentemente ele não gosta de água. - Ela finalmente abriu os olhos.

- Vamos para dentro agora então, tudo bem? Você prometeu que iria ao médico hoje. Precisa tirar essas roupas molhadas e tomar um banho quente. - Estendi minha mão para ela, que revirou os olhos antes de aceitar.

A senhora Pumpkin, que nos esperava na varanda com toalhas quentes e macias, enrolou Ayleen em uma delas e a carregou para dentro, provavelmente para um banho.

Sequei meus cabelos e tentei ao máximo tirar o excesso de água do corpo antes de entrar na casa.

Mal sabia que a melhor hora do meu dia havia passado.

A teimosia de Ayleen foi maior que a vontade dos pais, maior que nosso acordo.

- Eu não disse que concordava! - Era o que ela gritava para mim, de toalha, no meio do corredor. - Eu não vou para o hospital, não vou e pronto! - Ela estava nervosa, tremia de raiva e seus olhos estavam ferozes, mas a força de seu corpo não era a mesma que de sua mente e então ela começou com uma crise de tosse que a deixou de joelhos, manchando seu corpo recém-lavado de vermelho.

Não importava o que Ayleen queria naquele momento, tudo o que pudemos fazer foi vesti-la e a enfiar dentro do carro em direção ao hospital. Antes disso, fui deixado em casa, ainda molhado, apenas com minha mochila.

Fiquei sem notícias de Ayleen por cinco dias. Passava de bicicleta por sua casa e esperava o maior tempo que a fome, a vontade de usar o banheiro ou a chuva deixava. Na escola, parecia que o boato sobre Aly havia se espalhado, e agora, que ela estava prestes a morrer, as pessoas me olhavam com pena e sempre tinham algo de bom para falar

dela. Aquilo só fez a raiva dentro de mim crescer, essas eram as mesmas pessoas que chamavam

Ayleen de esquisita e a evitavam no recreio. Por ser esquisito do meu jeito, eu e Ayleen acabávamos lanchando juntos e, graças as nossas esquisitices, viramos melhores amigos desde os nove anos dela.

A única pessoa que soube o que falar foi Anne. Ela me dizia para esperar, que Ayleen estava bem, que deveríamos aproveitar o tempo para terminar a surpresa, e foi nisso que eu foquei para poder ter algum conforto.

Naquela quinta, eu estava convencido a saber algo sobre Ayleen, me sentei nas escadas da varanda da casa dos Pumpkin e esperei, até que acabei deitando e consequentemente adormecendo.

- Teddy? - A voz de um homem me fez sentar, assustado.

- Se-Senhor Pumpkin! - Disse, colocando a mão em meu coração para ter certeza que ele ainda batia no lugar certo. O céu já estava escuro, meus pais iriam me matar - Que horas são?

- Quase meia-noite. Só vim buscar algumas roupas... Há quanto tempo você está aqui?

- Desde que saí da escola senhor, tenho vindo todos os dias... - Engoli em seco.

- Oh! - O homem pareceu surpreso - Bem, vamos entrar e comer alguma coisa?

- Desculpe, senhor, eu realmente preciso ir para casa. Mas preciso saber quando poderei ver Ayleen. - Meu tom era de afirmação.

- O banho de chuva não fez bem para Ayleen... Seria melhor esperar mais alguns dias...

- No sábado? Este sábado? - Não ia desistir, e estava na cara do homem que ele estava cansado, provavelmente não discutiria comigo.

- Pode ser... - O homem suspirou, vencido - Pego você em sua casa ao meio-dia, combinado? - Ele me estendeu a mão para selar nosso acordo.

- Combinado. Obrigado, senhor. - Me levantei em um pulo e subi na bicicleta. - Ah, por favor, diga para Ayleen que não esqueci

minha promessa. - Pedi para o homem, que já virava a chave na porta.

- Que promessa? - Ele juntou as sobrancelhas, e enxerguei curiosidade nos olhos cansados. Pela primeira vez, eu consegui enxergar Ayleen nele.

- É segredo, senhor. - Então eu dei o primeiro sorriso da semana e me coloquei a caminho de casa, psicologicamente mais forte para aguentar qualquer bronca que pudesse levar de meus pais.

Sexta-feira demorou como nunca para terminar, o bom disso é que finalmente terminamos a surpresa de Ayleen e eu tive outra ideia maluca.

- Anne, será que você consegue fazer cinco cupcakes para mim?

Os olhos da garota brilharam quando expliquei o que queria fazer, e ela logo se animou, pedindo para que eu deixasse ela ajudar.

No dia seguinte, o senhor Pumpkin buscou a mim e aos cinco bolinhos.

A viagem até o hospital foi desconfortável, mas valeu cada segundo por poder ver Ayleen quando abri a porta do quarto. Não sei por que não me surpreendi quando vi Sujeito deitado sobre Aly enquanto ela dormia cheia de fios enroscados em seus braços e mãos.

- Não podemos evitar, Ayleen exigiu o gato aqui, e ela tem esse direito. - O pai dela deu de ombros, como se aquela fosse mais uma batalha perdida.

- Sem problemas, é bom que ela tenha com quem conversar.

A mãe de Aly dormia em uma posição desconfortável na pequena poltrona ao lado da filha, mas logo o marido a chamou e eles saíram do quarto, me deixando a sós com Sujeito e Ayleen.

Sujeito me cumprimentou com seu miado esquisito, amassou as patas sobre a barriga de Ayleen, como se afofasse o lugar, fechou os olhos e dormiu com sua dona.

Me sentei na poltrona e encarei Ayleen. Seu rosto parecia em paz, mas ela estava acabada. As olheiras estavam profundas, os lábios muito rachados, a pele, que era de um branco quase albino, estava coberta de hematomas verdes e roxos. Suspirei e larguei a caixa com os bolinhos no chão. Aquilo parecia tão idiota agora... Idiota e sem noção. Como comemorar algo com alguém naquele estado?

Como ela ficaria caso tivesse uma crise de tosse ou coisa pior na frente dos amigos? Me senti estúpido, ridículo, pequeno e, principalmente, impotente.

- Não acredito que você não me acordou logo que chegou. -

Eu tomei um susto. Estava olhando pela janela do quarto, para o prédio em frente, quando a voz rouca, seca e fraca, nada parecida com a voz real de Aly, me fez voltar a realidade.

- Estava quase para uma hibernação. - Me aproximei da cama, me inclinando para Aly. - Além disso, Sujeito ameaçou me cortar a garganta caso eu acordasse você.

Ayleen sorriu e acariciou o gato, que ainda dormia em sua barriga.

- Ele é um bom amigo, espero que você cuide dele quando eu não puder.

Eu havia entendido direito? Ayleen estava me dando seu gato?

- Não sei se seria um bom dono como você... Outra que logo você sairá daqui e cuidará dele em casa. - Afastei o cabelo da testa de Ayleen.

- Não dessa vez... - Ela suspirou, sua respiração estava um pouco ofegante. - Eu sinto muito, querido Teddy... E estávamos tão perto de completar todos os itens da minha lista. - Foi a primeira vez que vi Ayleen dar sinais de que iria chorar, os olhos de tempestade começaram a juntar lágrimas que desceram pelas bochechas dela pesando uma tonelada.

- Quem disse isso? - Senti o nó na minha garganta se formar ao ver a agonia nos olhos de Ayleen.

- Não tive uma foto constrangedora onde muitas pessoas poderiam ver, nem meu nome em um lugar da cidade, não

acredito que vá chegar até semana que vem para comemorar minha festa de

cinquenta e três anos e nunca terei uma tatuagem ou serei beijada.

- Ela estava devastada, o choro, os soluços e a tosse vieram nessa ordem, e eu precisei abraçar, acudir e limpar Ayleen.

- Gostaria de saber da onde você tira essas besteiras... -

Talvez, ser idiota era tudo o que eu precisava. - Porque nós vamos comemorar sua festa sim.

Me abaixei para pegar a caixa de bolos e sentei na cama ao lado de Ayleen. Sujeito nos encarou como se não gostasse da perturbação ao seu sono e reclamou.

- Tome jeito, Sujeito! Não seja mal-educado! - Aly brigou com ele e me fez sorrir. Ainda naquela situação, ela era minha Ayleen.

- Vamos acelerar um pouco as coisas. - Abri a caixa sem mostrar o que havia dentro, acendi cada uma das velas com o isqueiro que havia roubado do meu pai naquela manhã e me virei para Aly. Nós não cantamos parabéns para você naquele dia. Não precisava. Ela apagou as velas com dificuldade e me olhou, sorrindo.

- Você é o melhor amigo do mundo, Teddy, o melhor! - Ela me abraçou por cima dos bolinhos, fazendo tudo cair no chão.

Sujeito, como não era bobo, pulou da cama para o chão e começou a comer os bolinhos, fazendo Ayleen rir e me fazendo pensar que faria de tudo para cumprir todos os desejos dela.

- Teddy, quais palavras mais me definem para você? Quero achar uma boa...- Ayleen estava com um dicionário na mão e passava o dedo pelas páginas.

Eu não precisei pensar muito para responder essa.

- Peculiar, singular... - Tentei lembrar de mais alguma coisa, mas essas pareciam bastar. - Acho que essas...

Ayleen se prestou a procurar as palavras no dicionário.

- Significado de peculiar: que é característico, próprio; inerente a alguém ou a algo. Que é um atributo de algo ou de alguém; particular: calor peculiar dos trópicos...

- Acho que isso se aplica a sua dança, suas roupas e as coisas que você faz... - Quase tomei um tapa verbal, mas antes que

ele viesse, eu pedi - Veja logo singular.

- Significado de singular: exclusivo (único) de sua espécie; distinto: uma planta de aparência singular. Muito especial; pouco usual; raro ou excepcional. Cujas características são diferentes das demais; inusitado. Pode causar surpresa; que é surpreendente ou espantoso. Lógica: que pode ser usado somente em relação a um indivíduo único.

- Não existe uma palavra melhor para você do que singular.
-

Eu disse logo que vimos o significado. Nenhuma das milhões de palavras que existiam poderia se encaixar tão bem em Ayleen. Pela primeira vez naquele quarto de hospital, o sorriso de Ayleen fez papel de sol.

Pena que era um sol que estava morrendo.

Quando deixei o quarto de Ayleen naquele dia, ela já dormia.

Sujeito lambeu minha mão quando fui acariciá-lo e entendi aquilo como um obrigado, tanto pelos bolos, quanto por fazer o dia de Ayleen um pouco melhor.

- Senhor e senhora Pumpkin, posso conversar com vocês por um minuto antes de ir embora? - E foi então que contei todo meu plano maluco, contei sobre alguns itens da lista que faltavam e que eles podiam ajudar a cumprir. Eles não tinham mais motivos para negar, então foram conversar com a enfermeira chefe, e eu desci para o ponto de ônibus, me sentindo uma peça útil ao universo novamente.

- Eu realmente não esperava ter que subir com um rolo desse tamanho por trinta e cinco andares - Anne reclamou.

- Não desista agora, não agora, que está tudo tão certo, por favor! - Eu quase implorei.

- Calma, garoto, eu não pensei em desistir por nenhum segundo. Mas só dê o sinal quando eu estiver no prédio certo, para eu também poder ver nosso trabalho. - Ela piscou para mim e entrou pela portaria do prédio em frente ao hospital.

Eu tinha chamado todos, meus pais estavam ali e trouxeram minha irmã e nossa vizinha com o gato gordo que eu nunca lembrava o nome. Os pais de Aly chamaram o restante da família.

Era uma pena que nem todos enxergavam Ayleen como ela era, se fosse assim, nem todos os andares do hospital seriam capazes de receber tanta gente.

Entrar em um elevador cheio de gente, balões, abacaxis, comidas, bebidas e decoração de festa havaiana nunca foi tão natural. A cada andar que parávamos, fazíamos alguém sorrir quando via o estado em que nos espremíamos entre as coisas. Mal sabiam eles o porquê daquilo tudo.

Meus bolsos estavam cheios de chiclete, minhas mãos todas ocupadas e minha cabeça trabalhando a mil. Quando o andar em que Aly estava chegou, a enfermeira que ficava na recepção veio ajudar a carregar uma porção de coisas e nos levou para o quarto em frente ao de Ayleen. Estava vazio, e eu esperava do fundo do coração que quem havia dormido naquela cama pudesse estar em casa, recuperado e vivendo.

Nós começamos a arrumar tudo, cortamos os abacaxis, colocamos suco dentro deles e canudos decorados. Todos na sala receberiam colares e vestiam roupas de praia ou coisas bem estampadas e chamativas. Minha vizinha tinha colocado roupa no gato, e ele parecia não ter gostado muito da saia havaiana que havia ganho.

Estava tudo quase pronto quando Anne entrou no quarto, esbaforida e agitada, sorrindo para todos. Ela apenas piscou para mim, e eu entendi que estava tudo pronto. Depois de espalhar chicletes por todo o quarto, saí e esperei que toda a família de Ayleen estivesse ali dentro e que eles fizessem total silêncio para não estragar tudo.

Entrei no quarto quando ela estava acordando. Aly esfregou os olhos cor de tempestade e bocejou. Agarrou o gato e finalmente me viu.

- Teddy! - O sorriso cresceu em seus lábios machucados, abrindo pequenas feridas recém-cicatrizadas. Ela passou a língua pelos lábios e continuou sorrindo.

Fingi que não havia visto nada demais, cheguei ao lado dela, beijei seu cabelo, que já não tinha mais o tão familiar cheiro de

pêssego, e a ajudei sair da cama. Ayleen estava presa apenas ao balão de oxigênio, algo combinado por seus pais.

- Para onde vamos? - Ela indagou, curiosa.

Os olhos, mesmo tão envoltos em escuras olheiras, ainda exibiam parte de sua vida.

- Só vamos. - Eu a apoiei e então tive noção do quanto ela estava fraca até mesmo para coisas simples. Agasalhei Ayleen o melhor que pude com o cobertor que havia em cima de sua cama e saí com ela do quarto em direção ao elevador.

- Nós vamos fugir? - Ela parecia animada, sorriu enquanto o pensamento chegava da boca aos ouvidos.

- Não dessa vez. - Eu lamentei e apertei o botão do último andar.

O prédio em frente ao hospital, que eu tanto olhei pela janela do quarto de Ayleen, era um complexo empresarial. Por sorte, o pai de uma amiga de Anne era dono de um escritório de advocacia lá e quando soube da história, da nossa ideia maluca e do que precisávamos, logo se prontificou a fazer sua parte e acompanhar os meninos do jornal até a cobertura do edifício para garantir que nada daria errado.

Era uma benção o pai de Anne ser dono de uma gráfica e nos ceder tanto papel e tinta. Eu tinha que admitir, Anne havia se tornado uma boa amiga.

Ayleen não continha a curiosidade, nem a emoção. Me perguntou um bilhão de vezes sobre o que íamos aprontar em menos de um minuto. Quando o elevador se abriu para a porta de saída da cobertura do prédio, pude sentir minhas mãos começarem a suar, mesmo assim, peguei a mão de Aly e segui em frente.

- NÃO ACREDITO! NÃO ACREDITO, NÃO ACREDITO! -

Ayleen estava petrificada. As mãos contra as bochechas, depois contra a boca, depois na cabeça. Ela girou, sorriu, gritou, pulou e finalmente sossegou e olhou com atenção.

O pôr do sol já havia começado e o céu estava daquele jeito que ela tanto gostava, cheio de cores que não se definem nunca, mesmo que você consiga dizer todos os adjetivos possíveis e cabíveis. Enquanto isso, os raios do sol quase posto iluminavam o

enorme pôster de nove por três metros (segundo Anne, aquele era o tamanho de um outdoor) com um desenho de Ayleen feito por um dos garotos do jornal junto de seu nome e sobrenome escrito em letras enormes e desleixadas, uma caligrafia muito parecida com a dela. Era essa a intenção.

Ayleen se sentou no chão, envolta no cobertor e ficou pelo menos cinco minutos observando aquilo com lágrimas escorrendo pelo canto dos olhos. Eu nunca tinha visto ela daquele jeito, tão quieta. Apenas observei enquanto o cabelo dela era bagunçado pelo vento e então, sem pensar muito, virei Ayleen na minha direção e a beijei.

Eu nunca havia feito aquilo antes, mas, de algum jeito estranho, ambos fizemos a mesma coisa. Segurei no rosto de Ayleen enquanto minha boca provava o gosto dos remédios da dela.

Se eu pudesse, teria mantido ela ali comigo até o final dos tempos.

Eu me afastei e olhei para o rosto dela naquela luz. Tão frágil, tão pequena... Eu comecei a chorar, e ela me abraçou.

- Não acredito que eu beijo tão mal a ponto de te fazer chorar, Teddy. - Ela tentou brincar depois de um tempo, eu não conseguia responder, minha voz parecia ter sumido, então ela continuou - Você é a melhor pessoa que eu já conheci. Você merece ser feliz, merece tanto ter uma vida maravilhosa! - Ela me apertou mais no abraço enquanto dizia isso.

Ficou entalado na minha garganta dizer que queria viver tudo isso ao lado dela, que eu sentiria falta dela pelo resto da minha vida, que eu provavelmente não seria o mesmo depois que ela fosse embora. Nada daquilo foi dito, e ela também se calou.

Perdi a noção de quanto tempo ficamos ali em cima. Quando percebi que Ayleen estava tremendo de frio, eu apenas a levantei e levei de volta para dentro.

Eu ainda precisava cumprir o resto da promessa.

O quarto estava cheio e barulhento quando entramos, todos bateram palmas enquanto cantavam "parabéns pra você" e trouxeram um bolo gigante com as velas de números cinco e três acesas até Ayleen para que ela pudesse apagar.

Ela parecia em choque, olhou tudo e todos em volta então voltou para me abraçar.

Eu havia guardado a tatuagem que procurei mascando tantos chicletes, que o maxilar chegou a ficar dolorido, no

bolso da calça.

- Feliz aniversário, Aly, espero que esteja velha o bastante para fazer uma tatuagem. - Eu disse em seu ouvido e a soltei do abraço. Peguei sua mão e coleí bem em cima dela, no sentido do dedão, a asa de anjo que eu havia encontrado.

Ela beijou minha bochecha por um longo tempo e então foi tomada de mim pelos primos, tios e amigos que havia conquistado.

Fiquei encostado na porta, com um sorriso bobo no rosto enquanto observava Anne e Ayleen trocando colares com flores de plástico e rindo.

Lambi os lábios e senti o gosto dos remédios dela. Mal eu sabia que aquele gosto nunca sairia da minha memória.

Eu não rezei naquela noite, me esqueci por ter ficado acordado lembrando tudo o que havia acontecido naquela tarde.

Será que foi por isso que tudo aconteceu daquele jeito?

Eu não pude ver Ayleen na segunda, precisei ajudar minha mãe e cuidei de Liz pelo resto da tarde. Na terça, eu pedalei para casa o mais rápido que podia, a intenção era largar o material ali, comer alguma coisa e correr para o hospital, mas a vida tem dessas de te fazer cair nos trilhos bem quando o trem perde os freios.

Eu havia procurado Anne na escola para perguntar se ela queria ir comigo ao hospital, mas não a encontrei então deixei para lá. Mas a garota estava parada em frente à minha casa, junto da minha mãe e Liz. Era fácil reconhecer

aquele cabelo cacheado comprido que brilhava vermelho no sol.

Sol.

Era um dia atípico para o começo do inverno.

Desci da bicicleta e passei a mão no suor que escorria pelo meu rosto, eu estava ofegante, quente. Meus óculos estavam embaçados, e eu os tirei para limpar.

Em uma passada de olhos pelo rosto de Anne, que chorava copiosamente, eu entendi sem ninguém precisar me falar.

Ayleen havia ido embora.

Eu nunca havia quebrado um osso ou levado um tiro, mas parecia que algo dentro de mim havia se estilhaçado em mil pedaços.

Eu até ouvi o barulho de vidro quebrar.

Aquilo ardia, doía. Meu coração batia alto nos meus ouvidos e foi tudo o que ouvi enquanto via minha mãe se aproximar com os olhos vermelhos de tanto tentar segurar o choro. Naquela hora não havia música tocando, não havia voz nenhuma no mundo. Tudo parecia morto, assim como Ayleen.

Eu não havia falado nenhuma palavra desde que soube.

Não havia comido nada também.

Parecia que havia algo preso na minha goela e o aperto só se aliviava quando eu chorava, então passei a noite toda chorando, tentando de algum jeito aliviar a dor que eu sentia por saber que Aly não estava mais ali.

O dia havia amanhecido azul acinzentado, no mesmo tom dos olhos de Ayleen.

Lembrei da teia de aranha de estrelas. Será que Deus estava arrependido?

Me vestir foi doloroso, me fazer sair de casa para o velório foi a minha sentença de morte. Eu queria ser como aquelas pessoas dos filmes que gritam, choram, quebram tudo e conseguem colocar para fora. Mas, cada vez mais, tudo parecia só meu.

Minhas lembranças com Ayleen, minha amizade com Ayleen, meu primeiro beijo com Ayleen, minhas promessas todas para Ayleen.

Ayleen, Ayleen, Ayleen...

Será que se eu falasse várias vezes o nome dela poderia abraçá-la novamente?

Aquilo estava completamente fora do normal.

Diziam que Ayleen havia dito como queria tudo depois que fosse embora e o primeiro pedido foi o velório no quintal de trás de casa, com lírios e rosas brancas misturadas com sempre vivas coloridas em todos os cantos possíveis. Stereophonics tocando também era uma exigência dela, e eu esbocei um sorriso pela

primeira vez ao ouvir Dakota tocando quando passei pela porta da frente da casa.

O caixão estava aberto, Aly tinha mais flores ao seu redor e parecia adormecida com as mãos sobre o peito.

Quando cheguei do seu lado e vi a tatuagem contra a pele quase roxa, comecei a rir, então explodi. O riso virou pranto e logo eu estava abraçando Aly dentro do caixão.

Ninguém me impediu, ninguém me segurou. Eu apenas coloquei tudo para fora.

Queria bater em Ayleen por ela ter morrido sem me esperar.

Queria sacudir aquele corpo até a alma voltar, queria que tudo não passasse de uma grande brincadeira e ela levantasse e me assustasse gritando "*feliz halloween!*".

Eu queria qualquer coisa, qualquer desculpa idiota e estúpida para ter ela de volta.

Como se Deus tivesse me ouvido, o céu ficou claro de um azul intenso, e eu me afastei do corpo frio de Ayleen para olhar todas as nuvens irem embora.

- Por que você não me esperou para se despedir? - Eu cobrei com as mãos sobre as dela - Você não sabe o quanto eu queria poder estar no seu lugar, você não sabe o quanto eu esperava que um milagre acontecesse Aly... Eu até rezei! - Ri de nervoso. - Como eu vou ficar aqui sem você? Com quem eu vou andar de bicicleta, ralar os joelhos, comer até não aguentar mais?

Quem vai me forçar a imaginar e ver as coisas do mesmo modo que você via? Por que você não pôde me esperar, Ayleen? - Eu aproximei o rosto do dela e a observei em silêncio. Ela realmente parecia estar descansando.

Me lembrei de seus olhos na última quimioterapia e me arrependi amargamente de cobrar algo.

- Ei, me desculpe por me descontrolar. - Minhas lágrimas pingaram em seu rosto. - Me desculpe por te cobrar quando eu sei que você fez tudo o que podia para ficar aqui e viver cada um dos seus sonhos bestas, bobos, malucos e tão seus, Aly. Obrigado por ter me deixado participar da sua vida. - Eu respirei fundo, tentando buscar dentro de mim toda e qualquer força, até que *I Wanna Get*

Lost With You começou a tocar e eu me lembrei daquela noite, de Ayleen viva, feliz, plena - É engraçado, eu sabia que alguma coisa estava acontecendo... Você acredita? Acho que tudo aquilo que se quebrou dentro de mim quando eu soube, quando você se foi, uma parte de mim te acompanhou. Eu nunca poderia escolher uma pessoa melhor para ser minha melhor amiga, Aly, eu escolheria você, sempre, e eu te agradeço por ter me escolhido. Eu espero que você não tenha se decepcionado com a morte, espero que Deus tenha te chamado para perto dele por ver que você era pura demais para esse mundo. Eu gostaria que você pudesse ver, Ayleen, agora o céu está mais azul porque você faz parte dele! - Eu percebi as pessoas se aproximando, já era hora de fechar o caixão? - Me espere, querida Ayleen. Me espere. - Foi tudo o que pude falar antes de sentir a mão do meu pai me puxando pelo ombro.

Eu não consegui desviar os olhos do caixão por nenhum segundo, nem quando os pais de Ayleen vieram me abraçar, nem quando íamos para o cemitério, nem depois de começarem a jogar terra sobre ele.

Eu só queria ficar sozinho com Ayleen novamente.

As pessoas começaram a ir embora, acenei com a cabeça quando minha mãe disse algo no meu ouvido e eu fingi que ouvi, mas continuei lá, parado, vendo enquanto os homens

trabalhavam cobrindo a cova de Ayleen até não se ter ideia de que havia um caixão ali embaixo.

Eu queria morrer junto com ela, mas com toda a certeza ela daria um belo tapa na minha cara só pelo pensamento.

- Ei. - Eu ouvi de longe. - Ei! - A pessoa insistiu, e eu me virei para encontrar uma Anne vestida de roupa social preta, olhos inchados e, pela primeira vez, sem uma blusa de frio. Eu nunca tinha realmente prestado atenção naquilo.

- O que foi? - O tom de desinteresse na minha voz era nítido.

- Eu fui ver Ayleen ontem. Ela escreveu algo para você e me pediu para entregar. - A garota me estendeu a carta, e eu pude ver seu braço cheio de marcas de cortes. Ela recolheu a mão logo que peguei o envelope.

- Não se preocupe. Não foi só a sua vida que Ayleen mudou.

- Ela olhou para onde os homens terminavam de jogar terra.
- Um ano atrás, eu estava no banheiro do colégio, sentada em um dos vasos, me machucando porque eu achava que merecia. Me causava alívio, sabe? Me deixava bem por pelo menos cinco segundos da bosta de vida que eu levava. Então, nesse dia, eu acabei exagerando nos cortes, e eles sangraram mais do que deviam. Ayleen estava no banheiro ao lado do meu e me ouviu chorar, ela fez questão de afirmar que estava só fazendo xixi. - Ela sorriu enquanto as lágrimas escorriam pelo rosto inchado. - Que a demora toda foi para ver se eu estava bem, e então ela me levou até a pia e lavou meus braços como se aquilo fosse a coisa mais natural do mundo.

Isso não me surpreendia e eu senti algo dentro de mim aquecer por saber que aquilo era realmente algo dela.

- Depois disso, eu fiquei com medo de ela sair espalhando, porque eu nunca havia sido gentil com ela quando via o que os outros falavam ou faziam. - A voz dela carregava culpa. - Eu me arrependo tanto de só ter tido coragem de falar com ela agora...

Mas, sabe, valeu a pena. Ayleen não era o tipo de pessoa feita para esse mundo. Dizem que a gente vem para cá apenas para aprender, melhorar nossas almas. A alma dela já sabia de tudo, ela só veio para nos ensinar. - Anne limpou as lágrimas do rosto e colocou uma mão sobre meu ombro. - Ela me disse para aproveitar o que ela não teve, e eu prometi fazer, espero que ela consiga te convencer do que quer que seja só pela carta. - Ela deu algumas batidinhas no meu ombro e disse um até logo fraco enquanto ia embora.

Olhei mais uma vez e vi que os homens estavam cobrindo o lugar onde Ayleen dormiria para sempre com grama. Respirei fundo e resolvi abrir a carta. Eu só não esperava encontrar tanta coisa escrita ali na letra espetacularmente horrível de Ayleen, e eu ri logo que li a primeira frase.

Querido Theodore,

Eu realmente não sei por onde começar essa carta, então a primeira coisa que te peço é para não rir da minha letra e garantir

que Sujeito sempre tenha a caixa de areia limpa.

Espero que você tenha colocado um sorriso no rosto depois de mais pedidos descarados dessa sua amiga tão peculiar, como você mesmo disse.

Como passamos por coisas as quais nunca desejamos ou pensamos, não é mesmo? Eu nunca pensei que estaria aqui, presa em uma cama de hospital com dores em lugares que

eu nem mesmo conhecia. Não esperava, Teddy, mas não significa que eu não entenda os motivos de tudo isso.

Quando recebi o diagnóstico desta porcaria que ocupa grande parte do meu corpo no momento, tanto quanto qualquer um, eu senti medo. O medo não é algo ruim, Teddy, nós temos medo daquilo que não conhecemos, daquilo que pode nos ameaçar. Medo e vergonha andam lado a lado. Você tem vergonha quando sabe que pode desapontar alguém que você tenha afeição, gosta ou ama.

Então me questionei sobre essas palavras e descobri que o que eu realmente tinha era vergonha, afinal de contas, por que eu teria medo de morrer?

Todas as religiões têm teorias, quase todas definem as coisas como certo e errado, quase todas acreditam que existe um ser superior que cuida de tudo e de todos, e boa parte delas explica o que acontece quando nós partimos desse mundo.

Eu sempre achei crueldade pensar que só porque uma pessoa não aceitou ou fez tal coisa, ela vá para um lugar ruim, ou que viva mil e uma vidas para evoluir, sendo assim, eu decidi descobrir se Deus existia e propor minhas ideias para ele.

Deus demorou longos quatro meses para me responder.

Quer saber o que pedi para Deus me devolver?

Pedi você, querido melhor amigo.

Então, assim que você apareceu, minha esperança se renovou. Deus existia e, ainda por cima, me ouvia! Conversei com ele em uma noite e disse que tudo bem ter

que ir embora, desde que eu não deixasse nenhuma pendência para trás.

Pendência, nesse caso, é saber que você, papai, mamãe, Annie e Sujeito serão felizes.

Teddy, eu sei que, aos olhos de todos, minha vida foi curta.

Eu não discordo. Mas olhe para mim durante todos esses anos e raciocine comigo em tal questão: existe alguém que você conhece que tenha vivido tão intensamente? Tão apaixonada por tudo o que existia? Eu duvido muito. Sem nenhuma prepotência da minha parte, confesso que sempre me senti muito importante para chegar ao ponto de ligar para quando me achavam esquisita ou me chamavam de aberração. Eu me lembro muito bem disso, Teddy, são coisas que você acaba pensando e percebendo que, se o mundo fosse um tremendo e grande silêncio, essas pessoas apenas estariam vibrando, e eu estaria feliz por projetar em alguém essa vontade de fazer barulho em um mundo surdo...

Eu provavelmente não estarei aqui de corpo presente amanhã para te agradecer por ter sido especialmente bom comigo, por ter feito de mim a escolhida para seu primeiro beijo, por usar a sua imaginação, quando sempre me disse ser limitado nesse aspecto, apenas para fazer meus dias melhores. Talvez em um outro mundo, exista outro Teddy e outra Aly que também são melhores amigos na infância e crescem juntos, percebendo que talvez amizade seja um estúpido nome para amor. Isso me faz lembrar de quando devorei os livros da trilogia Fronteiras do Universo. Você lembra como eu fiquei louca com o final? Eu ainda considero aqueles livros maravilhosos e espero que você perca algum tempo lendo para descobrir que todo dia sete de fevereiro, nós marcaremos um encontro aqui. Em frente

à minha lápide. Eu estarei sentada em cima dela, faça o favor de sempre me trazer flores bem coloridas no meu aniversário.

Espero que você me sinta dentro de você e, a cada vez que ver o vento brincar com as folhas, quando o sol bater em seu rosto, quando você se apaixonar pela primeira vez por alguém que realmente mereça seu coração, no seu casamento, quando seus filhos nascerem... Me sinta em volta de você, em tudo que for vivo, Teddy. Me imagine fazendo parte de tudo nesse mundo, porque, de fato, eu ainda faço, e você, também.

Sua última tarefa, querido amigo, é viver. Trabalhe com algo que você ame, só namore quem você realmente gostar, estude e

procure saber sobre tudo o que tem curiosidade, seja um bom filho, marido, pai e avô. Se atreva e, caso não dê certo na primeira vez, tome mais impulso para a segunda tentativa. Descubra o que te faz feliz, Teddy, e quando descobrir, não abra mão daquilo por nada nesse mundo!

Eu nunca me senti em casa, você sabe. Se Deus for cumprir a parte dele no acordo, nesse momento eu estou virando estrela e, caso você tenha tido um dia tão ruim que não tenha conseguido me sentir a sua volta, faça o favor de olhar para cima e procurar a estrela mais brilhante. Essa serei eu, acenando freneticamente para você.

Eu finalmente posso ir, minha missão foi cumprida.

Como eu tive sorte de ter você...

Com todo o amor que couber nessa galáxia, sua Ayleen.

Ayleen pegou meus pedaços e colou quase todos no lugar.

Quis abraçá-la, e logo senti o vento forte bater no meu rosto, de alguma forma, eu sabia que ela estava me abraçando ao seu novo modo...

Aquilo não fazia a dor sumir por completo, levaria anos para que eu pudesse abrir a boca para falar dela sem que minha voz falhasse, mas era algo com o que eu aprendi a conviver.

Achando que era tudo o que tinha para ver ali, resolvi ir me despedir direito dela e avisar que, em quatro meses, eu estaria de volta. Foi quando não pude evitar sorrir, o epitáfio dela estava no lugar certo. Feito de mármore preto e escrito em letras grandes douradas:

A SINGULAR AYLEEN

Quem poderia negar?

Document Outline

- [Agradecimientos](#)
- [Singular](#)